O SONHO QUE A AREIA SUSSURRA

A Jornada do Leão que um Dia Foi Tartaruga

VÍTOR RUA



O Sonho que a Areia Sussurra

A Jornada do Leão que um Dia Foi Tartaruga

Vítor Rua

ASOKA MIAU RECORDS · LISBOA · 2026

Ficha técnica

O Sonho que a Areia Sussurra
A Jornada do Leão que um Dia Foi Tartaruga
Vítor Rua

© 2026 Vítor Rua. Todos os direitos reservados.
Edição: Asoka Miau Records · Lisboa.
Composição editorial: os rastos foram alinhados onde a areia permitiu.

«No coração de cada leão há uma tartaruga, e no coração de cada tartaruga, um leão que sonha.»

— Amir S. Nadir, Cantos da Areia e da Selva

Prefácio

por Camélia Aurora

Dizem que as histórias mais simples têm o poder de se entrelaçar com as raízes do nosso ser, mas, ao abrir este livro, sentimos que nos espera uma narrativa que vai além da simplicidade. Em O Sonho que a Areia Sussurra: A Jornada do Leãoque-Um-Dia-Foi-Tartaruga, somos transportados para uma fábula que desliza entre a inocência e a profundidade, cada linha ondulando como as marés da vida. A tartaruga que deseja ser leão é mais do que uma personagem singular: ela é o eco de cada ser que já se viu a questionar o próprio caminho, a desejar algo além daquilo que lhe foi dado. Esta jornada é um convite a perguntar o que, afinal, nos define e onde se encontram as raízes da nossa verdadeira identidade. No seu percurso, o autor tece uma narrativa que se estende e se aprofunda, como as ondas na areia, explorando o desejo e a aceitação com a delicadeza de uma maré que avança e recua.

Prepare-se, caro leitor, pois esta história transcende o tempo e desafia as convenções da narrativa linear. Ao longo do texto, algo surpreendente se desvelará, e a forma como a história é contada não será aquilo que o leitor espera. Uma estrutura não-linear revelará camadas ocultas de significado, e o leitor será convidado a descobrir por si mesmo o que se esconde entre as linhas. O que parece familiar pode tornar-se inesperado, e o que parece simples pode revelar uma profundidade surpreendente.

Ao ler, somos transportados para um cenário onde a areia e o oceano falam, e cada grão e cada onda partilham segredos antigos e intemporais. O poder deste livro reside, em grande parte, nos seus silêncios, nas pausas entre as palavras, nas pequenas incertezas que deixam espaço para a imaginação e a reflexão. Cada capítulo é uma camada de introspecção, onde o leitor é convidado a questionar, tal como a tartaruga, o que significa realmente «transformar-se». E, à medida que o leão-que-um-dia-foi-tartaruga encontra o seu lugar no mundo, também o leitor sente o convite para percorrer o seu próprio caminho de regresso ao essencial.

Recomendo que se deixe levar por estas páginas como quem escuta um murmúrio ao entardecer, uma história contada pelo oceano à areia. Pois, ao tocar o fundo do oceano, onde o tempo parece suspenso, talvez também cada um de nós se sinta renascer.

Índice

1 O Último Eco do Mar Dentro
2 O Coração em Silêncio e o Rugido que Quis Ser Calado
3 O Ofício da Compaixão e o Peso do Silêncio
4 O Lamento da Areia e da Fome
5 O Último Instinto e a Dança das Sombras
6 A Solidão dos Rios Secos
7 A Metamorfose e o Exílio
8 O Círculo de Fogo e a Dança das Pedras
9 O Desejo que Desafia a Maré
10 O Aviso da Anciã Cor-de-Mel
11 O Caos do Desejo
12 A Tartaruga que Queria Ser Outra
13 As Sobreviventes
14 A Tartaruga que Queria Ser Leão
∞ A Carapaça que Guardou o Rugido
Índice remissivo

1 O Último Eco do Mar Dentro

Entre as dunas, no sopro da noite, Aiyon olhava o céu e a areia como se fossem o reflexo do que havia sido. No fundo dos seus olhos dourados, ainda restava uma centelha de algo indomável e antigo, o vestígio do desejo que o havia levado a deixar de ser tartaruga para tornar-se leão. Ali, naquele areal deserto, as cores do céu misturavam-se com o calor da areia escura, como se uma pintura de Turner se movesse lenta e hipnótica entre os grãos do deserto e o roxo profundo do firmamento, «a cor do infinito», diria William Blake.

À sua frente, Kira, a tartaruga que ele fora um dia, observava-o com uma serenidade imperturbável, um olhar que parecia abraçar não só a vastidão da noite, mas todo o cosmos. A textura da sua carapaça, gasta pelo tempo, resplandecia sob o luar. Tinha uma beleza rude e primordial, uma sensação de eternidade que lembrava a base de um velho carvalho ou de uma sinfonia de Bach, talvez o «Concerto de Brandemburgo», onde cada nota emerge como se tivesse nascido da terra e do mar.

A paisagem em redor era surreal: dunas elevavam-se como ondas fossilizadas que guardavam segredos de eras passadas, e a areia fina recortava-se sob o céu estrelado, quase como uma tapeçaria de ouro e púrpura. O vento soprava como uma melodia de Debussy, e o sussurro das dunas parecia prolongar-se num eco distante. A noite cantava o seu silêncio

profundo, pontuado pelo sibilar do vento, num tom quase etéreo que recordava a «Variação Goldberg», tocada num piano distante, como se o próprio Glenn Gould tocasse para o universo adormecido. Aiyon, antes um leão, já não tinha forças para rugir. As suas costas arqueavam-se e os músculos, outrora firmes e vigorosos, pendiam como sombras de um poder que já não possuía. Os seus olhos, de um âmbar pálido, fixaram-se na figura de Kira, recordando o que tinha perdido. A sua juba, agora desbotada, contrastava com o negro profundo do céu, enquanto o seu corpo parecia mais próximo da poeira do que da força da savana. A visão de Kira evocava-lhe as memórias de uma canção distante, «Take a Walk on the Wild Side» de Lou Reed, que ecoava na sua mente como uma rasto da sua jornada: o passo lento e arrastado, o desejo de explorar um território novo, e a inevitabilidade de regressar ao ponto de partida.

Ali, naquele deserto cósmico, a tartaruga e o leão eram as únicas testemunhas de um espectáculo silencioso, onde o tempo parecia dobrar-se sobre si mesmo, como as ondas do mar que vinham sempre ao mesmo lugar. «Tudo o que fazemos é temporário, mas algumas coisas são infinitas», dizia ele para si mesmo, lembrando-se de uma frase de Nietzsche. Ali, frente a frente, já não era o desejo que os unia, mas sim a memória partilhada de um mesmo destino. A selva estava muito além do deserto, uma lembrança distante de quando Aiyon, jovem e impetuoso, pensara que ser leão seria a sua libertação, a sua passagem para uma vida grandiosa. Porém, as noites da selva foram-lhe cruéis, e o vazio de ser um predador no meio de outros predadores tornou-se uma condenação à solidão. Agora, diante de Kira, ele

sentia o regresso iminente, como se todo o caminho o trouxesse de regresso àquele instante.

Kira, a tartaruga, fitava-o com um olhar que parecia enraizado num tempo além do tempo. Lenta e calma, ela parecia carregar o peso da existência com a graça de uma sonata de Mozart, talvez o «Adagio» de sua Sinfonia n.º 40, onde cada pausa e silêncio transmitnuma sabedoria paciente e duradoura. Ela oferecia-se, como que numa última dança de compaixão, a Aiyon, sabendo que ele já não tinha forças para lhe fazer mal. A sua carapaça tinha as marcas de cada tempestade que enfrentara, de cada onda que a banhara nas praias da Ilha da Boavista. Tinha uma cor única, de um âmbar avermelhado, quase como uma rocha vulcânica moldada pelo tempo.

Sentado na areia, com as patas a tremer, Aiyon viu as suas garras como se fossem o último elo de uma corrente que desejava romper-se. Quando tentava dar a mordida, um sentimento de algo ancestral travou-o. Era um eco de quando, ainda tartaruga, sonhara que o mundo lhe daria novas asas — garras, rugidos, uma força que ele achava impossível como tartaruga. E ali estava, no deserto, prestes a morder aquele que um dia fora ele mesmo. Era como se ouvisse «Les oiseaux exotiques» de Messiaen, cada som que o compositor desenhara na partitura, imitando o cantar dos pássaros que outrora lhe foram um perigo, os mesmos que hoje pareciam parte de uma sinfonia para lhe lembrar de que todas as transformações são ciclos.

O céu estrelado expandia-se sobre eles, o azul quase negro tocado pelo brilho das estrelas, imenso e

silencioso. E, no instante em que desistiu, Aiyon viu as patas transformarem-se, sentindo a juba a encurtar-se, enquanto uma carapaça começava a formar-se sobre ele. A sua visão ficou mais próxima da terra e, ao inspirar, o cheiro da areia e do sal trouxe-lhe de volta a sensação de que o oceano, ainda longe, o esperava pacientemente. «Como é simples ser complicado; e como é complicado ser simples,» pensou, lembrando uma frase de Oscar Wilde que ressoava no fundo de sua mente.

No crepitar da transformação, o céu parecia inclinar-se, como se uma nova música, talvez uma valsa de Mahler, atravessasse o espaço e tocasse a noite. E ali, agora de novo como Kira, ele entendeu que a simplicidade e a complexidade de querer ser algo além do que era se dissolviam como uma onda no deserto. E foi assim, neste último eco do mar dentro, que Aiyon voltou a ser Kira, e o deserto recuou sob as estrelas, com um silêncio profundo, onde cada grão de areia era uma partícula do passado, como as notas de uma canção que finda sem necessidade de um final.

Ao sentir o toque suave da areia a envolvê-lo, o leão-que-já-foi-tartaruga parecia afundar-se num sonho de lembranças antigas, como se cada grão de areia guardasse uma parte de si, uma memória esquecida de uma vida passada. O seu corpo era agora de leão, uma forma imponente e cheia de poder, mas o coração hesitava. À medida que a transformação acontecia, as ondas ao longe pareciam sussurrar-lhe histórias de um tempo em que ele não se importava em ser apenas… tartaruga.

O céu sobre ele estava pesado, um azul profundo que se misturava com a luz das estrelas, e cada respiração parecia trazer-lhe o cheiro das noites antigas, quando o oceano era o seu único destino e cada onda era uma promessa de protecção. As estrelas cintilavam acima como testemunhas de uma história que se repetia, de vidas que se transformavam mas que, no fundo, sempre regressavam ao mesmo ponto de origem. «Tudo o que somos é apenas uma passagem,» pensou, ecoando as palavras de Ursula K. Le Guin, que dizia que, para ver a verdade do nosso caminho, precisamos de ser tão humildes quanto o oceano, tão vastos quanto o próprio universo.

Na praia, cada sombra parecia ganhar uma forma e uma presença; os contornos das dunas, moldados pelo vento, as pedras pequenas e redondas, o murmúrio das folhas das poucas árvores que cercavam a areia. Pareciam saudá-lo, como se o reconhecessem. «Tudo está vivo,» pensou, lembrando-se de uma frase da compositora Pauline Oliveros, que uma vez escrevera que, quando escutamos profundamente, ouvimos a vida em todas as coisas. Cada som da noite parecia fazer parte de uma sinfonia esquecida, uma música que o envolvia e o trazia de regresso a uma parte de si que ele pensava ter perdido para sempre.

Ao seu redor, a areia fria acolhia o seu corpo em transformação, uma sensação que o fazia recordar o tempo em que era tartaruga, quando sentia a segurança da sua carapaça e a lentidão dos dias passados entre a praia e o oceano. Ele lembrava-se da serenidade de ser tartaruga, de não precisar de

nada além daquilo que estava ao seu alcance, de poder viver ao ritmo das marés, uma existência simples e compassada. E agora, com a sua figura de leão a dissolver-se, sentia o calor do regresso, como se a areia o estivesse a receber de regresso ao seu verdadeiro lar.

O vento soprava suavemente, trazendo com ele o som distante do oceano, que, na escuridão, parecia chamar pelo seu regresso. Ele compreendia agora que o poder que buscara como leão já não era do que uma miragem, um desejo de ser mais do que era, mas que lhe havia custado a própria essência. Lembrou-se de uma frase de Mary Oliver, que dizia: «Diga-me, o que pretende fazer com a sua vida selvagem e preciosa?» E compreendeu que a sua vida preciosa não precisava de ser selvagem; poderia ser calma, terna, em sintonia com o mundo à sua volta. No céu, uma constelação que lhe lembrava um animal marinho reluzia intensamente, como se lhe desse as boas-vindas de regresso ao reino das pequenas coisas, das existências humildes, onde cada vida, por mais pequena que fosse, tinha o seu valor e o seu propósito. Ele olhou para as estrelas e sentiu-se parte do universo, não como um predador imponente, mas como uma pequena criatura entre outras, uma faísca de vida que brilhava por breves instantes.

E, enquanto a transformação se completava, enquanto a pele de leão dava lugar à antiga carapaça, ao formato pequeno e familiar da tartaruga, ele sentiu uma paz profunda, um sentimento de reconciliação com aquilo que sempre fora. Ao invés de lutar contra a sua natureza, ao invés de se querer moldar ao desconhecido, sentiu-se grato

por regressar ao seu corpo antigo, por recuperar a simplicidade e a aceitação de ser quem sempre foi.

O mar murmurava-lhe ao longe, como uma canção de ninar, uma música sem começo nem fim, que o embalava de regresso à sua própria história.

2 O Coração em Silêncio e o Rugido que Quis Ser Calado

No deserto abrasador, onde a areia parecia guardar o calor das eras, Aiyon hesitou. Tinha a mandíbula tensa, os olhos fixos no alvo, e o coração a pulsar com um ritmo estranho, quase dissonante, como um tambor primitivo. Ali, no exacto instante em que abriu a boca, pronto para saciar a fome desesperada, algo na sua memória agitou-se, algo remoto e indecifrável, um eco esquecido de quando não era leão, mas apenas uma pequena tartaruga perdida entre os grãos de areia. Ao olhar para Kira, viu nela não só uma presa, mas uma lembrança espelhada do que já fora. A dureza da sua carapaça, agora de um verde musgo, cheia de marcas que só o tempo poderia esculpir, resplandecia sob o brilho do crepúsculo. Cada ranhura parecia contar uma história, como se as marcas fossem notas de uma sinfonia inacabada, talvez uma composição de Mahler, cheia de pausas e suspensões. A visão daquela carapaça tão firme, tão sólida, tornou impossível continuar. «Eu fui tartaruga também,» pensou, e este pensamento tornou-se um peso insuportável.

O deserto em redor deles permanecia em silêncio. O vento trazia o cheiro de sal e de areia quente, e o ar parecia vibrar num tom grave, como se uma nota de baixo se espalhasse em ondas invisíveis. A cada pulsar do seu coração, Aiyon sentia-se mais próximo da sua antiga vida, de quando o céu era uma

promessa infinita e o peso da sua pequena carapaça era, paradoxalmente, a sua maior protecção. O leão era grande, majestoso, mas frágil no seu desejo de ser algo que não era.

Por instantes, Aiyon lembrou-se de uma melodia que parecia pairar no ar — uma peça imaginária de Coltrane, talvez, algo que ecoasse a busca incessante e a espiritualidade do jazz, onde cada nota era um caminho que nunca chegava a lugar algum, mas que explorava cada possibilidade do som. Naquele momento de hesitação, entre a fome e o reconhecimento, Aiyon percebeu que também ele tinha sido arrastado pela promessa de um sonho, como os músicos do free jazz, imersos numa procura que só os levava de volta a si mesmos.

Os olhos de Kira, fixos e calmos, pareciam saber mais do que diziam. Ela não tremia, nem se escondia; a sua carapaça firme e antiga reflectia o luar, e o brilho dava-lhe uma aura de serenidade imperturbável. Aiyon sentia-se vulnerável diante dela, um rei da selva que, naquele momento, não passava de uma sombra. A fome urgia-o a seguir em frente, a ceder ao instinto; mas o peso do que fora e do que escolhera ser tornava-se um obstáculo impossível de ignorar.

«Eu não consigo comer-te,» disse Aiyon, a voz tremendo, quase quebrada. «Eu leão, já fui tartaruga também como tu e considero-te minha irmã.»

Kira não respondeu, mas o seu silêncio era como uma canção de embalo, uma canção sem palavras. Ela sabia que, embora separados pelo desejo e pela transformação, ainda eram uma coisa só. E naquele instante, Aiyon sentiu que as memórias partilhadas

eram mais fortes do que a fome, e que a essência de ser tartaruga nunca o tinha abandonado completamente.

O deserto em redor, que até então se mantivera imutável, pareceu transformar-se. O vento tornou-se mais suave, e o céu estrelado, sem fim, recuou numa dança de luz e sombra. O silêncio entre os dois ecoava como uma composição de Satie, cada pausa preenchida pelo peso das escolhas, pelo que foi e pelo que não foi. A distância entre a sua juba e a carapaça de Kira era, ao mesmo tempo, um mundo de diferenças e uma linha tênue entre o leão e a tartaruga que coexistiam no seu ser.

Aiyon fitou Kira mais uma vez, e na profundidade do seu olhar viu o reflexo da própria fome — mas não uma fome de carne ou sangue, mas uma fome de paz, de aceitação. Ele recordou-se do xamã da selva que lhe contara que cada ser carrega um desejo maior do que o próprio corpo, um anseio que nunca se sacia. E naquele momento, compreendeu que a busca pelo poder e pela força sempre lhe parecera uma promessa vazia, como uma melodia que se perde antes de atingir o acorde final.

Finalmente, deu um passo atrás, deixando a areia envolver as suas patas. Ali, no deserto onde tudo é transição e passagem, onde as dunas se formam e se desfazem num ciclo sem fim, Aiyon, o leão, voltou a ser apenas uma sombra de si mesmo, um eco do que fora. Sentiu no coração um alívio que desconhecia, uma espécie de reconciliação com as areias eternas. E Kira, ali, ao seu lado, continuava a fita-lo com os olhos tranquilos, a sabedoria de quem conhece o próprio lugar no universo.

No crepúsculo que agora se tornava noite, o leão-que-já-foi-tartaruga e a tartaruga-que-é-irmã dele ficaram em silêncio. A vastidão em redor parecia conter cada partícula de areia como um grão de memória. As estrelas lá em cima brilhavam com uma intensidade cósmica, quase como se o universo celebrasse aquele momento de paz entre predador e presa, entre desejo e aceitação.

E, numa última visão antes que o sono o tomasse, Aiyon pensou na sua infância entre as areias de Cabo Verde, no cheiro do mar que se misturava ao calor da areia, numa canção distante que parecia chamá-lo para regressar à sua forma original.

Ao ver a tartaruga à sua frente, pequena e tranquila, recolhida na sua carapaça, o leão-que-fora-tartaruga sentiu uma onda de emoções que não esperava. A fome apertava-lhe o estômago, os instintos empurravam-no para o ataque, mas algo invisível, algo que ele não conseguia nomear, manteve as suas garras e dentes imóveis. O desejo de saciar-se desaparecia lentamente, cedendo lugar a um sentimento de reconhecimento, como se estivesse a olhar para uma parte de si que se perdera nas sombras do tempo.

Ele fechou os olhos por um momento, tentando dissipar a fome e escutar aquela voz interior que o lembrava de outra vida, de outro modo de existir. As imagens da sua antiga carapaça, da lentidão serena da sua vida como tartaruga, surgiam-lhe na mente como ecos distantes, mas firmes, e cada pensamento era uma nota solene, lenta, como um movimento de um adágio. Aquele momento fazia-o lembrar de uma melodia de Florence Price, onde cada acorde ecoava

uma emoção profunda e vulnerável, e cada pausa parecia dizer-lhe que, às vezes, há mais poder em se refrear do que em atacar.

«Se olhares o suficiente para o que foste, acabarás por ver o que és,» lembrou-se de uma frase da escritora Jeanette Winterson. E ali, naquele silêncio entre ele e a tartaruga que o olhava com olhos calmos e sem medo, ele sentiu-se despido de tudo aquilo que o transformara em leão. Já não era o predador; era apenas uma criatura perdida, um ser que procurava sentido numa existência que, em última análise, lhe era estranha.

O ambiente em redor parecia conspirar com aquela hesitação. O vento soprava entre as folhas das poucas árvores ao longe, enquanto o sol dourado de fim de tarde espalhava sombras longas pela areia. Cada detalhe da paisagem parecia capturar a incerteza do momento, como se até a própria terra hesitasse entre luz e sombra, entre a força do predador e a paciência da tartaruga. O leão-que-foratartaruga contemplava a cena, sentindo que ali, naquela praia, entre a vida e a fome, estava a verdade da sua própria transformação.

Os olhos da tartaruga que ele não conseguia atacar eram como um espelho que lhe devolvia o reflexo de uma vida que ele abandonara mas que, no fundo, nunca deixara de o acompanhar. Cada detalhe daquela pequena criatura recordava-lhe o que significava viver de forma simples, de aceitar a lentidão dos dias, a segurança de um refúgio próprio. «Não consigo comer-te,» disse, numa voz quase inaudível, como se confessasse a sua fraqueza não só para ela, mas também para si mesmo.

Ele percebeu então que o desejo de ser leão fora uma ilusão, uma aspiração de força que se perdera na fome e na solidão. A sua força, percebeu, residia na aceitação daquilo que era — uma lição que, ironicamente, só compreendia agora que estava prestes a deixar de lado o seu lado predador. Sentia que ali, junto daquela tartaruga, encontrava algo mais poderoso do que qualquer caçada, qualquer impulso: encontrava a paz de saber que, por vezes, é na renúncia que descobrimos quem somos.

A tarde caía devagar, o sol a descer no horizonte, banhando a cena num manto dourado que parecia acariciar as figuras ali presentes, como uma bênção silenciosa.

3 O Ofício da Compaixão e o Peso do Silêncio

No silêncio imenso do deserto, entre as dunas que se estendiam como ondas petrificadas, Kira respirou fundo e saiu lentamente da sua carapaça. Cada movimento seu era quase imperceptível, mas envolto numa calma tão profunda que o próprio deserto pareceu suspender a respiração. O vento suave cessou de repente, e o mundo em redor ficou preso numa espécie de suspensão, como o acorde final de uma peça de Arvo Pärt, em que cada som ecoa para além do que os ouvidos podem alcançar.

Kira olhava para Aiyon, o leão magro e faminto, com uma serenidade que só a sabedoria ancestral pode oferecer. Ao contrário de tudo o que a natureza lhe ensinara — proteger-se, esconder-se, resistir — ali estava ela, vulnerável e aberta. Com uma voz suave, disse: «Olha, se tens assim tanta fome, come-me.» Era como se sua voz trouxesse o eco de uma verdade mais profunda, como se cada palavra carregasse consigo os séculos de memórias da sua espécie, os segredos das ondas que quebravam nas praias distantes de Cabo Verde.

O céu tingia-se agora de um azul quase negro, e as estrelas começavam a brotar com uma intensidade inquietante. Pareciam dançar num ritmo secreto, uma música celestial que só as tartarugas talvez pudessem compreender. Ao olhar para o céu, Kira recordava as noites sob a Via Láctea, onde, muito jovem, ainda entre os ovos, imaginava-se tão grande

e poderosa quanto as constelações. E, naquele instante, percebeu que nada em si havia mudado. «Existir é permanecer», pensou, ecoando um ditado antigo da sua espécie, que dizia que o tempo tudo transforma, mas a essência verdadeira nunca se perde.

Aiyon, contudo, hesitava. Observava a tartaruga frágil diante dele, a sua pele escura e enrugada reflectindo a luz pálida da lua. Já não era uma presa, mas uma lembrança, uma ligação ao seu próprio passado. A vulnerabilidade dela recordava-lhe a inocência das suas primeiras horas na selva, quando se habituava ao peso do corpo de leão e à ferocidade de um mundo desconhecido. Ele havia sonhado que ser leão lhe daria poder, mas ali, frente à oferta de Kira, percebeu que, na busca por uma vida diferente, havia esquecido o que realmente o definia.

«Comer-me é o que precisas?» insistiu Kira, sem pestanejar. Ela entendia o sacrifício, mas mais ainda, compreendia o ciclo da natureza e a inevitabilidade das suas escolhas. Como se respondesse a um eco distante, Kira recordava a frase do velho xamã, uma frase que ouvira em sonhos: «Só a fome verdadeira é capaz de mover o espírito.» Para ela, aquilo significava um dar-se ao mundo, uma aceitação da própria vulnerabilidade como força.

Entre as dunas, tudo permanecia quieto. Não havia pássaros nem sombras a interromper o momento. O deserto agora era o palco de uma cena rara, onde o predador e a presa dialogavam numa troca de olhares e intenções. A voz de Kira, pequena e firme, ecoava no coração de Aiyon, trazendo-lhe uma memória musical de um tempo distante, algo que

soava como o «Concerto para Flauta em Ré Maior» de Vivaldi, uma melodia que ondulava entre a luz e a escuridão, entre o medo e a aceitação. Cada nota parecia acender-se no coração do leão, cada pausa um convite para redescobrir a profundidade do silêncio.

Aiyon sentiu o peso da sua própria fraqueza, um peso que lhe rasgava as entranhas mais do que a própria fome. Ele aproximou-se de Kira, os olhos perdidos, um rugido abafado contido na garganta. Mas, ao contrário de tantas outras presas, ela não tremia. Ali, de pé, parecia-lhe maior do que o próprio deserto, como uma figura mitológica que desafia o tempo. «Como podes não ter medo de mim?» perguntou Aiyon, com uma tristeza amarga na voz.

Kira olhou-o, os seus olhos negros como duas pequenas luas, e disse-lhe suavemente: «Porque antes de seres leão, já foste como eu. Antes de seres força, foste paciência.» Ela fechou os olhos por um instante, quase como se meditasse, e, ao reabri-los, continuou: «Talvez em nós resida um ciclo maior do que as nossas vontades.»

Aquele instante, para Aiyon, durou uma eternidade. Ali estava ela, oferecendo-se de coração aberto, mas também iluminando-lhe a alma, como se cada palavra fosse uma revelação. Ele sentia que naquele sacrifício havia um ensinamento, um ato de bondade que transcendia a própria fome. Kira era mais do que uma tartaruga; ela era um lembrete do que ele havia escolhido deixar para trás. E, naquele momento de vulnerabilidade, sentiu uma força diferente a crescer em si, algo mais grandioso do que a própria sobrevivência. Talvez fosse aquilo que os humanos

chamavam de compaixão, ou algo semelhante à piedade, uma lição que só a fraqueza lhe podia ensinar.

Os olhos do leão encheram-se de lágrimas, e o céu acima deles, agora pintado com mil estrelas, parecia celebrar essa revelação silenciosa. O deserto transformou-se em algo quase sagrado, como uma catedral aberta ao cosmos. Sentiu que, por um instante, as notas suaves de um piano lhe tocavam a alma, uma música imaginária de Debussy, «Clair de Lune», que se espalhava sobre as areias, um lamento por tudo o que é frágil e eterno.

Então, numa última inspiração, o leão fechou os olhos e voltou o olhar para as dunas, deixando que o vazio da fome se misturasse com o vazio da noite. Naquele momento, o predador e a presa, o leão e a tartaruga, tornaram-se um só em silêncio e compaixão.

A pequena tartaruga observava o leão à sua frente, um ser que deveria instigar-lhe medo, mas que, estranhamente, parecia desamparado. Os seus olhos, ainda que famintos, revelavam uma fragilidade que a tocava profundamente, como se visse ali um espelho de uma vida antiga, uma história que ela não podia compreender, mas que intuía nas profundezas da sua alma.

A tartaruga sabia que o leão estava faminto e que o instinto de caça lhe apertava o estômago. Sentia a tensão no ar, o peso daquele momento, mas, em vez de se esconder ou fugir, algo dentro dela a fez permanecer. Era como se a sua própria natureza estivesse disposta a enfrentar o perigo sem temor, a aceitar o ciclo da vida com a serenidade daqueles que

compreendem o seu lugar no universo. «Se tens assim tanta fome,» murmurou ela, sentindo uma compaixão inexplicável, «come-me.» Era uma frase simples, mas que encerrava uma doçura imensa, uma generosidade que parecia desafiar as leis da própria sobrevivência.

O ambiente em redor captava o eco desse momento de entrega. O vento amainava, como se quisesse guardar em segredo aquela cena de sacrifício silencioso. A tartaruga olhou para o leão com uma expressão de aceitação pura, quase maternal, como se fosse um pequeno pedaço de terra a acolher a tempestade que se aproximava. Era um amor que transcendia o medo, que ecoava os versos de Clarice Lispector: «Porque há o direito ao grito. Então eu grito.» Mas ali, naquele instante, o grito era mudo, era apenas um olhar que dizia: «Eu aceito. Eu dou-me.»

O leão, tomado de surpresa, permaneceu imóvel, fitando a pequena criatura à sua frente com um misto de espanto e reverência. Ele nunca encontrara uma força tão grande, uma entrega tão plena, mesmo nos maiores dos predadores. Ali, naquela tartaruga, havia uma coragem que ele, com toda a sua força, não possuía. As suas garras recuaram, e no seu coração sentiu-se envergonhado, como se a simplicidade da tartaruga lhe tivesse revelado algo que ele ignorara em toda a sua busca por poder.

Ao seu redor, o mar e o céu pareciam abraçá-los num manto de silêncio, como uma peça de Arvo Pärt, onde cada nota ressoa profundamente e o espaço entre elas é tão eloquente quanto o som. O leão compreendia agora que a verdadeira força não

residia no poder de atacar ou de possuir, mas na capacidade de renunciar, de encontrar uma harmonia dentro de si que o permitisse aceitar a compaixão do outro.

Ele baixou a cabeça, os olhos fixos no chão, incapaz de retribuir aquele olhar. A tartaruga continuava imóvel, a sua oferta tão serena quanto a própria terra sob as suas patas. E, ao ver a doçura nos olhos dela, sentiu que talvez fosse ela quem verdadeiramente possuía a alma de um leão.

4 O Lamento da Areia e da Fome

No vasto e desolado mar de areia, o leão ajoelhou-se. O peso da sua fome misturava-se com o da sua tristeza, enquanto lágrimas silenciosas escorriam pelo seu rosto, caindo na areia que, implacável, absorvia cada gota como se fosse um rio esquecido. O seu corpo tremia, não mais pela fraqueza física, mas pela dor invisível de um arrependimento que o sufocava mais do que a própria sede. A noite estendia-se em redor como um manto de infinita escuridão, pontuada por estrelas que cintilavam frias e distantes, alheias à sua dor. O vento passava entre as dunas, criando redemoinhos de poeira e deixando no ar um murmúrio profundo, quase como uma melodia sombria de Miles Davis em Kind of Blue, onde cada nota parecia vibrar como se ecoasse uma solidão antiga e impossível de aplacar. A areia fria sob as suas patas lembrava-lhe a frescura do mar que deixara para trás, aquele mar de onde ele emergira como tartaruga e onde, há muito, encontrara o primeiro desejo de ser mais.

Ele fitou Kira, com o coração apertado de vergonha e arrependimento, e as palavras fluíram, pesadas e desajeitadas. «Sabes... eu também já fui tartaruga,» disse ele, a voz embargada, as lágrimas misturando-se com o pó. «Mas estupidamente quis ser um leão, e agora aqui me encontro a morrer de fome e de sede, neste deserto, e apenas contigo.»

Kira, sempre silenciosa e observadora, aproximou-se um pouco mais. No seu olhar brilhava uma paciência eterna, como se já conhecesse todas as dores que o leão sentia. Ela permaneceu imóvel, esperando que Aiyon continuasse, como se o silêncio fosse a única resposta digna para o seu lamento. Aquele olhar sereno trazia consigo uma tranquilidade antiga, como se uma parte do oceano que ela conhecera estivesse ali, pairando sobre o deserto. No fundo dos seus olhos escuros, reflectia-se uma sabedoria simples, mas devastadora, como as notas de um piano de Chopin, onde cada acorde se mistura com o ar, evocando um passado que nunca se esquece.

Aiyon sentia-se pequeno sob o olhar da tartaruga. Lembrava-se de quando a força e o poder o haviam iludido, como promessas de liberdade, como se o mundo estivesse à sua espera para ser conquistado. Mas ali, entre as dunas imensas e o céu estrelado, percebeu que a grandeza do leão não lhe trouxera paz, mas apenas uma sede infinita e uma fome que nenhum alimento parecia saciar.

«Quis ser algo mais,» continuou, num sussurro, como se falasse mais para si mesmo do que para Kira. «Quis ser grande, quis rugir e sentir a terra tremer sob as minhas patas. Quis ver o mundo a partir de um olhar mais alto. Mas nada disso me trouxe o que eu procurava. Tudo o que conquistei foi esta solidão.»

O vento levantou-se suavemente, trazendo consigo o cheiro de areia e de memórias esquecidas. Naquele instante, Aiyon sentiu-se parte do deserto, uma partícula na vastidão, como se todas as suas conquistas e arrependimentos fossem insignificantes diante da eternidade das dunas. Era como se a

própria natureza, impassível e indiferente, lhe devolvesse a verdade: que tudo aquilo que ele ansiara se dissolvera como um castelo de areia na maré.

Kira continuava a observá-lo, e o seu silêncio era como uma resposta que ele ainda não sabia decifrar. Ela estava ali, tão próxima que ele podia sentir o calor da sua presença, mas o seu olhar permanecia distante, como se o estivesse a lembrar de que tudo o que ele buscava já estava dentro de si. Era um olhar de compaixão, de aceitação plena, como se ela entendesse que a viagem de Aiyon não era apenas de um leão ou de uma tartaruga, mas a jornada de qualquer ser que, num momento de desespero, se esquece de quem realmente é.

«Talvez,» disse Aiyon, com a voz baixa e cansada, «talvez nunca devêssemos fugir de quem somos.» A frase pairou no ar, e as palavras dissolveram-se no vento, como grãos de areia. Ele pensou nas palavras que ouvira uma vez, numa noite de luar: «A verdadeira força está em aceitar o que somos, não em desejar ser o que não somos.» Era uma frase dita pelo velho xamã da selva, um ser misterioso e sábio que vivia afastado de tudo e que falava sempre em enigmas, como se cada palavra fosse uma porta para outra compreensão do mundo.

O leão então curvou a cabeça, numa postura de humildade que nunca imaginara ser capaz de adoptar. As lágrimas continuavam a escorrer, e o gosto salgado lembrava-lhe o mar distante, as praias onde nascera, onde, ainda pequeno, aprendera a escavar a areia para encontrar abrigo. Sentia agora que cada lágrima era um pouco do seu antigo eu a

retornar, como se a água salina guardasse o segredo da sua primeira vida.

A luz das estrelas reflectia-se nas dunas, e o deserto transformava-se num palco de sombras e cintilações, como uma dança etérea de notas suspensas. Ali, naquele cenário místico, o leão e a tartaruga eram os únicos espectadores de uma noite eterna, onde a fome e a sede se misturavam ao silêncio. E, pela primeira vez, Aiyon entendeu que a verdadeira fome não era de carne ou de água, mas de algo muito mais profundo: uma fome de aceitação, de paz consigo mesmo, de reencontrar a sua essência.

Kira observava-o, paciente, como se fosse um farol numa noite de tempestade, uma presença calma que não o julgava, apenas o guiava de regresso ao seu verdadeiro eu. Naquele momento, o deserto parecia sussurrar uma melodia suave, uma canção que ele já não ouvia desde os seus primeiros dias. Era o som da sua própria natureza, da sua primeira vida, a lembrança do que ele fora antes de se perder na busca por ser mais.

E enquanto a noite se tornava mais profunda, Aiyon sentiu que o peso da sua fome e da sua sede já não era tão insuportável. Com Kira ali ao seu lado, ele percebia que, talvez, o que realmente precisasse nunca fora ser leão, mas apenas ser quem sempre fora, uma tartaruga sob as estrelas, parte do ritmo eterno das areias e das marés.

Enquanto o leão-que-já-foi-tartaruga observava a pequena tartaruga à sua frente, sentiu o peso de tudo o que havia perdido. Estava fraco, desnutrido, desidratado, e o poder que um dia tanto desejara

agora parecia não lhe servir de nada. As suas pernas tremiam, o olhar desfocado, e o corpo magro era a prova de uma vida que fora consumida pela busca incessante por algo que, no final, não lhe trouxera a paz que esperava. Olhou para a tartaruga, com os olhos embaciados pela exaustão, e as palavras saíram-lhe num sussurro, tão suave que quase se dissipavam no vento que passava.

«Sabes... eu também já fui tartaruga,» murmurou, a voz impregnada de tristeza. O leão falou como se confessasse a sua própria fragilidade, a verdade da sua transformação que o afastara de tudo o que realmente importava. «Estupidamente quis ser um leão,» continuou, e cada palavra era um peso, uma dor que lhe apertava o coração, «e agora aqui me encontro a morrer de fome e de sede, neste deserto, e apenas contigo.»

A pequena tartaruga olhou para ele com um olhar firme e acolhedor, como se visse para além da figura de leão, reconhecendo ali a essência da tartaruga que ele outrora fora. Não havia julgamento naquele olhar, apenas uma profunda compaixão, uma aceitação incondicional. Ele sentiu-se despido, sem a sua força, sem a sua imponência; era apenas uma criatura perdida, à procura de redenção. Era como se, naquele momento, todo o seu passado e todas as escolhas o tivessem trazido até ali, a um ponto de encontro com o que realmente era. Em redor, o céu estendia-se infinito, num azul límpido que contrastava com a aridez da paisagem. A vastidão em redor de si fazia-o sentir-se minúsculo, e ele percebia agora que a sua força já não era do que uma miragem, um desejo vazio que nunca lhe pertencera

de verdade. Aquelas areias, que já o haviam visto poderoso e triunfante, agora o viam a despedaçar-se, e isso fazia-o lembrar-se de uma frase da poeta Maya Angelou: «A maior dor é carregar dentro de si uma história não contada.» E ali, ele estava finalmente a contar a sua história, a confessar a sua dor e a sua vulnerabilidade, a abrir-se para algo maior.

A pequena tartaruga, ouvindo aquelas palavras, aproximou-se um pouco mais, numa demonstração de empatia profunda, como se, ao partilhar a sua presença, quisesse aliviar-lhe o peso daquela confissão. Ele sentiu que ela representava a própria aceitação, uma paz que ele tanto procurara mas que nunca encontrara em lado nenhum. Percebeu, naquele instante, que talvez a verdadeira força estivesse não em ser algo que não era, mas em aceitar-se, em abraçar a sua própria natureza.

A paisagem em redor estava silenciosa, o vento a mover suavemente os grãos de areia. Tudo parecia fazer parte de um cenário vasto e eterno, como uma música de Alice Coltrane, onde cada nota é um reflexo do cosmos, um eco de algo maior. E o leão, ao olhar para aquela pequena tartaruga, sentiu que, mesmo que o corpo enfraquecido o deixasse ali, naquela paisagem desolada, havia algo eterno que ele havia redescoberto — uma essência que nem o tempo, nem a forma poderiam apagar.

O silêncio pairava entre ambos, um silêncio que lhe oferecia uma paz inesperada, e o leão compreendeu, talvez pela primeira vez, que a sua história, a verdadeira história, estava apenas a começar.

5 O Último Instinto e a Dança das Sombras

A areia movia-se sob as patas de Aiyon, o leão cansado e desidratado, que agora avançava como uma sombra no deserto, impulsionado por um último resquício de fome. Cada passo era um esforço, uma batalha contra o próprio peso, contra o calor implacável que lhe secava a garganta e queimava a pele. Sentia o corpo a ceder, cada músculo a tremer como se fosse uma corda em tensão, prestes a partir. Na vastidão deserta, já não havia nada além dele e daquela carcaça de areia e silêncio, até que, de repente, algo prendeu o seu olhar.

Ali, numa clareira arenosa, destacava-se uma figura solitária: uma tartaruga, silenciosa e imóvel, apenas uma pequena mancha na areia. A visão dela reacendeu algo dentro de si — o instinto primordial, aquele que ainda o empurrava a sobreviver, mesmo que a custo de uma luta final. Os seus olhos fixaram-se na tartaruga, e um impulso irracional, feroz, pulsou-lhe no peito. Sentiu que a fome e o desespero se uniam numa nota dissonante, quase como o som explosivo de uma guitarra de Hendrix, cada acorde uma afirmação de vida, cada nota uma onda de energia contra a morte iminente.

Com as poucas forças que ainda possuía, Aiyon lançou-se num último ataque, a correr para a tartaruga como se a sua sobrevivência dependesse desse pequeno ser. A cada passo, sentia a areia a ceder, o calor a sugar-lhe a vitalidade, mas ainda

assim avançava, arrastado pela fome e pela necessidade de sobreviver. Era um movimento quase instintivo, um impulso que o devolvia à sua natureza mais básica, aquela em que a vida e a morte eram apenas faces de uma mesma moeda.

A tartaruga, percebendo o leão a aproximar-se, recolheu-se rapidamente dentro da sua carapaça, como se o destino já lhe tivesse ensinado a resistir. O som do movimento dela ao encolher-se ecoava no silêncio do deserto, um som quase surdo, mas cheio de significado, como uma nota grave de um contrabaixo de Charles Mingus, que se prolongava na vastidão, tocando o desespero e a paciência ao mesmo tempo. Na sua carapaça, parecia uma fortaleza, uma concha contra a fúria do predador, uma afirmação silenciosa de sobrevivência.

Aiyon lançou-se sobre ela, as garras a rasparem na superfície áspera e intransponível. Ele mordeu, tentou quebrar a protecção que o separava da comida, mas as suas forças estavam a esgotar-se, e a carapaça da tartaruga permanecia intacta, imóvel como uma rocha. Sentia as patas a fraquejar, os dentes a doer, cada músculo a implorar por descanso. Cada tentativa de ataque era uma derrota para o seu corpo desgastado, uma nota final que nunca chegava a atingir o tom de vitória.

Por um instante, parou. Ficou ali, com o peito a arfar e os olhos fixos na carapaça inquebrável da tartaruga. A sua respiração era um murmúrio pesado, quase um lamento, como o som de um saxofone de Coltrane em «A Love Supreme» — uma melodia de luta e aceitação, uma viagem espiritual entre o que se é e o que nunca se poderá alcançar. Cada suspiro

era um lembrete de que, embora o instinto o tivesse movido, a fome, por mais cruel que fosse, não era capaz de ultrapassar a força serena da carapaça.

Ali, deitado na areia, com o corpo a ceder e o espírito a quebrar, Aiyon percebeu que o deserto em redor se tornara parte de si, como um espelho. As dunas imóveis eram uma extensão da sua própria fraqueza, e a tartaruga à sua frente, firme e impenetrável, era a essência do que ele um dia fora. Aquela carapaça dura, aquele escudo contra o mundo, era tudo o que ele havia deixado para trás ao escolher ser leão. Agora, frente a frente com a tartaruga, via-se reflectido na sua própria escolha e na ironia amarga de já não poder regressar.

A mão invisível do deserto parecia pesar sobre ele, esmagando cada ilusão de força. Já não era o rei da selva; era apenas um viajante perdido no seu próprio destino, um ser que, em algum momento, trocara a segurança de uma carapaça pela liberdade selvagem e que, agora, deparava-se com o custo dessa decisão. O olhar do leão caiu, derrotado. Já não tinha forças para continuar o ataque, e desistiu, o corpo a afundar-se levemente na areia como um grão de poeira a juntar-se a tantos outros.

Kira, dentro da sua carapaça, permanecia em silêncio, a ouvir o som da respiração enfraquecida do leão, que agora era mais um sussurro do que um rugido. Ela compreendia o sacrifício de ser frágil, mas sabia que a paciência era uma arma mais forte do que a fúria. O deserto, indiferente ao drama dos dois, mantinha-se impassível, testemunha muda de um momento que era ao mesmo tempo a derrota de um e a vitória silenciosa do outro.

Ao recolher-se na areia, Aiyon sentiu-se mais leve, mas também mais vazio, como se algo nele se tivesse rendido à vastidão. O céu lá em cima, estrelado e infinito, parecia-lhe agora um universo inatingível, um eco distante daquilo que ele sonhara ser. Fechou os olhos e, pela primeira vez em muito tempo, deixou-se ir.

Com as poucas forças que ainda restavam, o leão avistou uma pequena tartaruga numa zona de areal. Os seus olhos, quase sem brilho, reacenderam-se por um instante com a esperança de saciar a fome que o consumia há dias. Era uma fome desesperada, mais intensa do que a mera necessidade física; parecia uma sede de sobrevivência, uma vontade de se agarrar à vida, mesmo que a vida lhe tivesse tirado quase tudo. Sentiu as suas garras tremerem de fraqueza, mas, mesmo assim, começou a correr, arrastando o corpo pesado e debilitado, cada passo um esforço doloroso.

A tartaruga, ao vê-lo aproximar-se, recolheu-se na sua carapaça com um movimento lento e sereno, como se compreendesse o sofrimento daquele ser que se aproximava com tal intensidade. Não havia medo nos seus gestos, apenas uma aceitação tranquila, uma confiança na sua protecção natural, aquela carapaça que sempre fora o seu refúgio e escudo. O leão, ao vê-la recolher-se, sentiu-se confrontado com uma imagem da sua própria vulnerabilidade, como se a presença daquela tartaruga fosse um lembrete de tudo aquilo que perdera ao querer ser algo diferente.

Chegando ao pé da tartaruga, ele ergueu a pata, mas hesitou, sentindo a carapaça sólida e segura sob o

seu toque. A sua fome, embora feroz, parecia desvanecer-se naquele instante, transformando-se num sentimento que ele não conseguia identificar. Era como se a visão daquela criatura tão pequena e tão segura de si, tão em paz com o que era, o fizesse recuar, como se cada fibra do seu ser recordasse uma memória esquecida, um eco de uma vida onde ele próprio se sentia protegido e em paz. «Para que me serve este poder, esta força, se não tenho em mim o descanso e a segurança que vejo nela?» pensou ele, lembrandose de uma frase de Rachel Carson: «Num mundo em que uma parte das criaturas procura a destruição da outra, é uma bênção o dom de se aceitar e ser aceito.» O ambiente em redor parecia captar a intensidade daquele momento. O vento soprava levemente, levantando nuvens finas de areia, e o sol, alto no céu, lançava uma luz intensa que aquecia a pele do leão e brilhava sobre a carapaça da tartaruga. Ele olhava para aquela figura silenciosa, protegida e firme, e percebeu que, por mais que tentasse, não conseguia quebrar aquela paz. Era como se a sua fome e a sua força se dissolvessem na simplicidade daquela vida tranquila, de uma existência que ele havia abandonado.

No silêncio da paisagem, ele ouviu o eco de uma melodia distante, quase como se o vento carregasse uma canção há muito esquecida. Era um som que lhe lembrava a suavidade das composições de Meredith Monk, onde cada nota ressoava como uma gota de água num lago tranquilo, espalhando círculos suaves à sua volta. A música parecia sussurrar-lhe que a paz que procurava não se encontrava na força, mas na aceitação. O seu coração, antes apertado pela fome e pelo desespero, sentia-se agora envolto numa

quietude inesperada.

Desesperado, com a pata ainda sobre a carapaça da tartaruga, deixou-se cair ao lado dela, os olhos fixos no horizonte. Sentia-se perdido, uma sombra do que fora, mas, ao mesmo tempo, aquele encontro com a tartaruga trouxe-lhe um conforto que nem a força nem o poder haviam sido capazes de oferecer. Ele era, afinal, apenas uma criatura em busca de paz, tal como qualquer outra.

Naquele instante, o leão-que-já-fora-tartaruga percebeu que talvez houvesse algo mais profundo, uma verdade que escapava ao entendimento do predador. E ali, deitado na areia, ao lado da tartaruga, ele permitiu-se fechar os olhos e descansar, como se finalmente tivesse encontrado o que tanto procurara.

6 A Solidão dos Rios Secos

Depois de deixar o deserto e a tartaruga para trás, o leão-que-fora-tartaruga caminhou sem olhar para trás, cada passo uma despedida silenciosa do que um dia fora. Já não havia nada a prendê-lo àquele lugar de areia e memórias, nada além do peso invisível da decisão que, agora, o empurrava para uma nova existência, para uma selva que prometia uma vida de caça e liberdade. A sua nova morada estava longe, entre árvores densas e rios que, à primeira vista, pareciam eternos.

A selva recebia-o com o abraço de um mundo caótico, um lugar de sombras e sussurros, onde os cheiros eram intensos e a vida se escondia por entre os galhos e folhas. Ali, era-lhe possível encontrar um instinto profundo, a selvajaria latente que todo leão carrega no peito. Porém, mal entrou, sentiu-se um estranho entre os predadores, um intruso num espaço que parecia respirar a violência e a competição. No meio do seu novo território, a selva fervilhava de sons e movimentos, como uma sinfonia de Mahler, intensa e feroz, onde cada nota era um rugido, uma luta, uma afirmação de vida.

Durante um tempo, o leão-que-fora-tartaruga conseguiu caçar e sobreviver. Lançava-se sobre presas menores, usava a força da sua nova forma, explorava o poder das garras e dos dentes afiados que um dia desejara. Mas o ato de caçar, a ferocidade da perseguição, o sabor metálico do sangue… tudo

parecia pouco mais do que uma sombra do que ele imaginara. Nas noites solitárias, deitado no centro da floresta, recordava-se da segurança da sua antiga carapaça, da calma de viver escondido, onde o seu corpo era ao mesmo tempo lar e protecção. Um ano se passou, e com o tempo a selva transformou-se. Uma seca devastadora chegou sem aviso, e a terra endureceu sob o calor, rachando-se em fendas profundas, como cicatrizes de um mundo que sofria. Os rios, outrora poderosos e vivazes, tornaram-se linhas de lama, os lagos, pouco mais do que poças de água estagnada, onde outros animais disputavam as últimas gotas com desespero. A abundância da selva dava lugar a um vazio sufocante, a uma realidade cruel que tornava cada noite e cada dia uma batalha para todos. O leão-que-fora-tartaruga viu-se aprisionado pela fome e pela sede, a força a abandoná-lo, como se o próprio corpo tivesse esquecido o que é ser leão. Os seus músculos, antes firmes e vibrantes, começaram a definhar; os ossos, ocultos sob a pele, destacavam-se a cada movimento. Passava os dias a caminhar por entre as árvores secas, as patas pesadas a afundarem-se na terra estéril, à procura de algo, qualquer coisa que lhe permitisse sobreviver. Mas o calor era implacável, e a sua visão, enevoada pela desidratação, tornava cada sombra numa miragem e cada som numa promessa vã.

Sentia que a selva, que outrora o acolhera com promessa de poder, o rejeitava agora, como um organismo que expulsa um corpo estranho. A sua figura, magra e exausta, parecia um fantasma a vaguear por um espaço que já não lhe pertencia. Recordava-se do xamã da selva que, num encontro

distante, lhe dissera: «Aqui, só os fortes prosperam; os outros são engolidos pelo tempo.» Aquelas palavras ecoavam-lhe na mente como um presságio sombrio, um aviso que agora compreendia na pele e nos ossos.

Nas noites em que conseguia arranhar algum descanso, deitava-se sob o céu, a olhar para as poucas estrelas que rompiam o manto escuro. Tentava lembrar-se do oceano, das ondas que o embalavam nas noites quentes de Cabo Verde. Sentia saudades daquelas águas, do seu frescor, da simplicidade de um mundo onde cada passo era lento, mas certo. A vida de tartaruga era feita de pequenos gestos, de paciência e resiliência; ali, na selva, só havia urgência, pressa, uma corrida constante onde o destino era a exaustão.

Na sua mente, as notas de uma melodia triste soavam, uma memória distante de quando ouvira uma peça de Satie, «Gnossienne No. 1», onde cada acorde era como um passo hesitante, uma reflexão que nunca se completava, apenas se prolongava. Aquela música parecia capturar o sentimento que agora o dominava: o de que, embora tivesse alcançado o seu desejo de ser leão, perdera-se numa existência sem raízes, snum lar onde pudesse repousar.

Os olhos de Aiyon, o leão, estavam agora opacos e vazios, como se cada dia de seca e fome lhe roubasse uma parte da alma. Sentia-se mais leve, mas não de uma leveza libertadora; era uma leveza de quem definha, de quem perde a substância do próprio ser. Nos momentos mais solitários, questionava se, no seu anseio de transformação, havia deixado para trás a

única parte de si que verdadeiramente compreendia o mundo.

A selva, antes um lugar de promessas, tornara-se uma prisão. E ali, no âmago da sua fraqueza, percebeu que a fome que sentia era mais profunda do que qualquer necessidade física: era a fome de pertença, de segurança, a fome do que ele fora antes de desejar ser algo mais.

O leão-que-fora-tartaruga afastara-se da praia e dos seus, dirigindo-se para a selva distante, onde esperava encontrar um lugar para si, longe do julgamento das outras tartarugas, um espaço onde pudesse sentir-se finalmente em paz com a sua nova forma. Mas o tempo foi-lhe mostrando uma realidade implacável. A selva, que ao princípio lhe parecera promissora e repleta de vida, tornava-se cada vez mais seca e inóspita. As árvores, outrora verdes e exuberantes, agora estavam pálidas e fracas, e os riachos secavam dia após dia. Aquele lugar, que ele imaginara cheio de energia e liberdade, revelava-se um deserto cruel que parecia reflectir a sua própria condição.

Cada dia que passava era um novo desafio. A fome apertava-lhe o estômago, e a sede secava-lhe a garganta. A sua força, que um dia acreditara ser a sua maior vantagem, agora parecia abandoná-lo a cada passo. O poder que desejara tanto agora se tornava uma maldição, pois nada na selva podia saciar as suas necessidades. «A força de nada vale quando a terra se recusa a dar-nos sustento,» pensava ele, com uma amargura crescente. Lembrou-se das palavras de Audre Lorde, que dizia: «O que são as nossas armas quando a nossa própria

fome nos consome?» E ali, no meio da selva desértica, ele compreendia o peso desta pergunta como nunca antes.

Os dias de seca arrastavam-se lentamente, cada um mais árduo que o anterior, e o leão-que-fora-tartaruga sentia-se como uma sombra de si mesmo. O brilho no seu olhar desvanecia-se, e os músculos que um dia o haviam tornado temido agora tremiam de fraqueza. As suas garras, antes afiadas e fortes, arrastavam-se pelo chão poeirento, deixando marcas que eram a prova do seu cansaço. A selva não lhe oferecia nada além do eco da sua própria solidão, uma presença constante e implacável que o fazia questionar cada escolha, cada desejo de ser algo além do que era.

Ao seu redor, a vegetação tornava-se cada vez mais esparsa, e o silêncio da selva começava a parecer-lhe uma canção melancólica, uma melodia triste e suave, como um tema de Yoko Ono, onde cada som era um lamento, um eco distante de uma vida que se tornara impossível. Sentia-se aprisionado por aquele silêncio, como se fosse um reflexo do vazio que habitava o seu próprio peito. A verdade era simples, mas dolorosa: ele escolhera uma vida que lhe prometera liberdade e poder, mas que agora só lhe trazia isolamento e dor.

Em certos momentos, pensava nas tartarugas, nas vidas simples e pacíficas que levavam junto à praia. Elas não tinham a força ou o poder que ele possuía, mas tinham algo que ele agora invejava profundamente — tinham uma ligação com o mundo, uma aceitação de si mesmas e da sua natureza. Elas nunca questionavam o seu lugar, nunca ansiavam por algo que não eram. Lembrou-se de uma frase de

Clarice Lispector: «O que é mais difícil do que aceitar quem somos?» E ali, no meio daquela terra árida, ele sentia o peso de não ter sido capaz de abraçar a sua própria essência.

A solidão, que ao início lhe parecera liberdade, agora era uma presença que o acompanhava sem descanso. Não havia ninguém a quem pudesse mostrar a sua força, ninguém com quem pudesse partilhar o seu fardo. Era como se a selva inteira fosse um espelho do seu arrependimento, uma vastidão que reflectia o vazio do seu coração. Sentiu-se esmagado pela sua própria escolha, pela decisão de abandonar uma vida de simplicidade em troca de uma forma que não o preenchia. A noite caía lentamente, e o ar ficava ainda mais seco. O leão, já sem forças, deitou-se sobre a terra quente e fechou os olhos, permitindo-se um momento de rendição. No fundo, sabia que aquela era a consequência do seu desejo, que cada escolha tinha um custo, e o custo da sua transformação era a solidão.

7 A Metamorfose e o Exílio

A noite estava carregada de presságios e mistérios enquanto as tartarugas anciãs se reuniam em torno da Pedra Sagrada, suas carapaças reluzindo sob o luar como esculturas feitas de tempo e silêncio. O vento sussurrava entre as dunas e carregava consigo o murmúrio do oceano, um sussurro tão antigo quanto o próprio mundo. A tartaruga-que-queria-ser-leão, de olhos brilhantes e coração acelerado, aguardava, seu desejo ardendo como uma chama. O momento da sua transformação aproximava-se, e cada segundo ressoava na sua mente como o início de uma melodia ainda não ouvida.

Em redor dela, a comunidade de tartarugas formava um círculo cerimonial, cada uma projectando um olhar que oscilava entre o respeito e a inquietação. Havia murmúrios, movimentos silenciosos, e no meio do círculo a tartaruga xamã começou a rodopiar, como se movida por uma força invisível, um ritmo secreto que só ela ouvia. A tartaruga-que-queria-ser-leão observava, embebida na expectativa, sentindo que a sua própria alma se fundia com o ciclo da areia e do vento, com o som do mar distante.

Quando a tartaruga xamã começou a girar, as outras tartarugas abanavam as patas, lançando pequenas pedras contra as carapaças umas das outras. O som que se formava era um estalido rítmico, quase como o

crepitar de um fogo ancestral, e o ritmo envolvia o espaço como uma música primitiva, hipnotizante, um eco de um passado distante. Ali, naquele som, parecia haver um feitiço, uma oração antiga que invocava as forças invisíveis da natureza e do universo. De repente, a tartaruga-que-queria-ser-leão sentiu uma onda de calor percorrerlhe o corpo, como se uma chama a consumisse por dentro, moldando-a e transformando-a. A sua carapaça começou a dissolver-se, a sua forma a alongarse e a expandir-se, e os seus membros, outrora curtos e firmes, agora se esticavam em poderosas patas. Num movimento tão inevitável quanto o fluxo das marés, a tartaruga desaparecia, dando lugar ao leão, que surgia imenso e majestoso, uma nova criatura que emergia de uma promessa feita à lua e à areia. Quando a transformação cessou, a tartaruga-que-queria-ser-leão havia desaparecido; no seu lugar, erguia-se um leão dourado, com um olhar feroz e atento, os músculos tensos sob a luz fria do luar. Ele sentiu o poder correr pelas suas veias, um vigor inédito que lhe revelava um mundo de possibilidades, de novas conquistas e força. Mas, ao mesmo tempo, sentia também o peso do desconhecido, o vazio que lhe sussurrava que essa força vinha com um preço. A anciã, com olhos profundos como o oceano, aproximou-se e olhou para o novo ser com um misto de reverência e tristeza. Com uma voz calma, mas firme, disselhe: «Tu já não és uma das nossas. Parte e não voltes nunca mais.»

As palavras ressoaram como um golpe. Aquelas palavras eram mais pesadas do que qualquer carapaça, mais fortes do que qualquer tempestade. O leão-quefora-tartaruga sentiu uma dor indescritível,

como se algo em si tivesse sido arrancado, uma parte da sua alma agora exilada de tudo o que ele conhecera. Ele olhou para a anciã e viu nos seus olhos uma infinidade de histórias, de sabedoria que jamais compreendia totalmente. A sua transformação era uma bênção e uma sentença; era um convite para o desconhecido, mas também a separação irrevogável da sua própria origem.

A anciã, de carapaça marcada pelos anos, deu-lhe as costas, afastando-se lentamente. As outras tartarugas fizeram o mesmo, cada uma virando-se, numa despedida silenciosa. O leão, ali sozinho, sentiu o peso da solidão como uma sombra que o acompanharia para sempre. A cada passo que dava, a carapaça protetora e segura da sua vida antiga parecia mais distante, até se tornar apenas uma memória, uma melodia longínqua, como o final de uma sinfonia de Beethoven, onde cada nota se torna um eco até se dissipar por completo. Ele afastou-se da Pedra Sagrada e da comunidade, com um rugido preso na garganta, misturado à tristeza e ao desejo, uma música inacabada de Bach, onde o som e o silêncio entre as notas diziam mais do que a melodia. O leão-que-foratartaruga olhou para a imensidão da selva ao longe e sentiu, no seu peito, uma mescla de medo e excitação. Ele sabia que o caminho agora era um só, para a frente, para a vastidão.

Ali, naquela noite silenciosa, o leão respirou fundo e deu o primeiro passo em direcção à sua nova vida.

A noite caía lentamente sobre a praia, trazendo consigo uma sensação de mistério e reverência. A lua cheia banhava a areia com uma luz pálida, e as estrelas reluziam como pequenos fogos ancestrais,

cada uma parecendo guardar um segredo que só seria revelado àqueles que ousassem atravessar o desconhecido. Era sob essa luz fria e intensa que a tartaruga-que-queria-ser-leão aguardava, com o coração acelerado e a mente a fervilhar de expectativas e receios. O desejo de se transformar estava mais forte do que nunca, mas o peso da decisão também a envolvia como um manto pesado e invisível.

As anciãs, com as suas carapaças marcadas pelo tempo e pela sabedoria, reuniram-se em redor da Pedra Sagrada, criando um círculo de testemunhas. Cada uma trazia no olhar a profundidade de vidas vividas ao ritmo do mar e da areia, de experiências que transcendiam gerações. A sua presença era silenciosa, mas poderosa, como uma melodia de Hildegard von Bingen, onde cada nota transporta uma espiritualidade que toca as profundezas da alma. Naquela noite, as anciãs estavam ali não apenas para assistir, mas para conduzir a tartaruga até o limiar da transformação, para garantir que o desejo dela era verdadeiro e que ela compreendia o que significava cruzar aquele portal.

A tartaruga xamã, com a sua carapaça adornada de símbolos que pareciam ter sido esculpidos pelo próprio tempo, avançou até ao centro do círculo. Com um movimento suave, começou a rodopiar sobre si mesma, girando como um pião ao ritmo de uma força invisível, uma dança primitiva que parecia comunicar com o universo. A areia levantava-se levemente com o movimento, e o som das pequenas pedras atiradas contra as carapaças das outras tartarugas criava uma música, um estalido rítmico que lembrava o crepitar

de uma fogueira. Aquele som tinha algo de antigo, de místico, como se fosse uma oração à terra e ao cosmos, um pedido de permissão para que a tartaruga-que-queria-ser-leão se transformasse.

Sentindo a intensidade do momento, a tartaruga olhou para as estrelas, buscando nelas algum tipo de resposta. Sentia que estava a despedir-se de uma parte de si mesma, mas também que se lançava numa viagem sem retorno. Era como se as estrelas a convidassem a deixar para trás a segurança da carapaça, a tranquilidade de uma vida conhecida, e a aceitar o peso e a solidão de ser algo diferente. As palavras de Sylvia Plath vinham-lhe à mente, ecoando no silêncio da noite: «Eu queria ser tudo, mas não sabia como me transformar.» E naquele momento, a tartaruga sabia que estava prestes a descobrir o preço de ser «tudo». As outras tartarugas, dispostas em círculo em redor dela, observavam-na em silêncio. Havia respeito, mas também um certo receio, uma incerteza sobre o que significaria ver uma das suas transformada em algo tão diferente. O oceano ao longe parecia escutar, as ondas quebrando suavemente, como se também ele fosse parte daquele momento, como se a maré compreendesse o que significava transformar-se, renascer. O vento soprou entre as dunas, carregando o cheiro da noite e do sal, e a tartaruga-que-queria-ser-leão sentiu-se parte daquele ritual, uma peça numa engrenagem maior, onde cada escolha tinha um propósito e cada desejo, um custo.

Quando a tartaruga xamã finalmente parou de rodopiar, a energia do círculo parecia condensar-se no centro, onde a tartaruga aguardava com olhos

fechados, numa entrega absoluta. Sentiu uma onda de calor percorrer-lhe o corpo, e a sua forma começou a mudar, a alongar-se, os membros a fortalecerem-se, a carapaça a dissolver-se. A sensação era quase dolorosa, como se cada fibra do seu ser fosse arrancada e remodelada, mas ela permaneceu firme, sentindo que aquela dor era parte da sua renúncia, o preço do desejo que guardava desde o seu nascimento.

E quando a transformação se completou, quando ela se ergueu sobre as patas de leão, uma nova criatura surgira, mas com o olhar carregado de algo antigo, como se ainda levasse consigo o eco de uma vida passada. Ela olhou para as anciãs, para a xamã e para as tartarugas que, silenciosamente, a observavam, e sentiu uma dor profunda ao ver nos seus olhos a certeza de que nunca mais voltaria a ser uma delas.

8 O Círculo de Fogo e a Dança das Pedras

Naquela noite misteriosa, sob o manto escuro do céu, as tartarugas formavam um círculo em torno da Pedra Sagrada, criando um espaço onde o tempo parecia dobrar-se sobre si mesmo. Era como se ali, no centro daquele círculo antigo, ecoassem memórias que remontavam aos primórdios do mundo, quando todos os seres partilhavam uma mesma essência, um mesmo desejo de transformação. As tartarugas mais velhas posicionaram-se, cada uma tomando o seu lugar com solenidade, e com um movimento ritualístico, começaram a abanar as patas, lançando pequenas pedras umas contra as outras.

O som que emergiu era seco, um estalido ritmado que ressoava pelo deserto, criando uma atmosfera carregada de mistério e presságios. Cada choque de pedra contra carapaça gerava um som semelhante ao crepitar de um fogo invisível, um fogo que ardia apenas nos ouvidos e na imaginação, mas que parecia envolver todas as tartarugas. Era um som que lembrava a fúria contida das ondas a baterem na costa, ecoando a melodia rítmica e persistente que os antigos chamavam de «a voz do tempo». «Tudo o que arde, brilha,» dizia Heráclito, e ali, naquele círculo de fogo imaginário, cada estalo parecia ser uma faísca que iluminava a escuridão.

Ao centro, a tartaruga xamã, com o olhar fixo e profundo, virou-se lentamente de patas para o ar, numa posição que exalava sabedoria e rendição,

quase como uma árvore invertida, a enraizar-se no céu. Num movimento calmo, ela começou a girar, rodando sobre si mesma como um pião que, aos poucos, ia acelerando. A sua dança giratória tornava-se cada vez mais intensa, quase como se, ao girar, ela criasse uma conexão directa com a energia que fluía na noite. A xamã girava e girava, a um ritmo que parecia conduzi-las para um estado de transe colectivo, onde todas as tartarugas se fundiam numa só.

A cada volta, a xamã criava um movimento que se assemelhava a uma valsa antiga, uma valsa para o cosmos, onde o ritmo das estrelas e o pulsar da terra se alinhavam numa dança de unidade. Era como se o tempo se tornasse suspenso, cada rotação da xamã a trazer-lhes a memória de todas as mudanças que as tartarugas tinham vivido. «A dança é a linguagem secreta da alma,» dizia Martha Graham, e ali, naquela rotação hipnótica, o corpo da xamã falava uma verdade que palavras jamais poderiam expressar.

A tartaruga-que-queria-ser-leão observava, hipnotizada, como se o mundo em redor tivesse desaparecido, restando apenas a dança da xamã e o som ritmado do estalar das pedras. Sentia no coração uma ansiedade que pulsava como uma onda, uma vontade de ser algo mais, algo além. As suas memórias e o desejo de transformação misturavam-se, criando uma tensão quase insuportável. Era como se uma melodia de Debussy tocasse dentro dela, uma nota que se prolongava, cheia de promessas e mistério, convidando-a a dar o próximo passo, a ultrapassar a fronteira daquilo que

sempre conhecera.

O crepitar das pedras, que se intensificava com cada rotação da xamã, tornava-se agora parte da própria paisagem sonora do deserto, ecoando no ar como uma sinfonia cósmica. Naquele instante, a tartaruga-que-queria-ser-leão percebeu que o ritual era mais do que uma cerimónia de passagem; era um espelho, uma forma de todos se reconhecerem na força do desejo que existia em cada um.

Assim que a tartaruga-que-queria-ser-leão partilhou a sua decisão, a serenidade da praia foi rompida por um turbilhão de murmúrios e exclamações. O ar estava carregado, como se uma tempestade se preparasse no horizonte. O anúncio era como uma faísca que incendiava a quietude do lugar, criando um tumulto nunca antes visto. «Ultraje!» gritaram algumas tartarugas, as suas vozes entrecortadas por um choque que parecia percorrer-lhes as carapaças como uma corrente eléctrica. «Traidora!» vociferavam outras, com os olhos cheios de reprovação e uma raiva que parecia estranha naquele cenário habitualmente pacífico.

A comunidade, que sempre vivera em harmonia, sentia-se ameaçada pela decisão daquela jovem tartaruga. Para elas, o desejo de ser leão não era apenas um ato de rebeldia; era uma afronta ao que significava ser tartaruga, uma recusa do legado que partilhavam. As tartarugas mais velhas olhavam-na com uma tristeza que era quase um lamento silencioso, como se vissem na sua decisão uma quebra no ciclo que há tanto tempo sustentava a sua identidade. «Porquê desejar o que não somos?» perguntavam-se, incapazes de compreender a

inquietação que a movia. A ideia de querer ser outra coisa que não uma tartaruga era, para elas, incompreensível, uma ferida aberta na tradição que haviam preservado durante gerações.

No meio do caos, a tartaruga-que-não-queria-ser-tartaruga-mas-sim-leão tremia, o seu corpo pequeno a ser sacudido pela intensidade das reações em redor de si. Sentia-se perdida, mas ao mesmo tempo, uma força interior impelia-a a manter-se firme, como se o seu desejo fosse uma chama que nem a rejeição das outras pudesse apagar. Lembrou-se das palavras de Virginia Woolf: «Não há barreira, fechadura ou ferrolho que possas impor à liberdade da minha mente.» E, ali, no centro do círculo de reprovação, essa frase ressoava como um mantra silencioso, uma força que a mantinha em pé, mesmo quando tudo em redor de si parecia desfazer-se.

As tartarugas em redor movimentavam-se inquietas, algumas afastando-se dela como se o seu desejo fosse uma espécie de contágio, algo perigoso que poderia corromper a paz do grupo. Outras olhavam-na fixamente, com um misto de curiosidade e temor, tentando encontrar nos seus olhos a razão daquele desejo que as fazia questionar o que significava ser quem eram. «Será que todas as transformações trazem consigo o caos?» perguntavam-se, como se, ao rejeitarem o desejo da jovem tartaruga, estivessem a proteger-se de algo inominável. A noite, que antes era tranquila, parecia agora espessa e carregada de energia, como se até o vento e as ondas tivessem sentido o impacto daquele momento. As estrelas, cintilando sobre a praia, tornavam-se

testemunhas silenciosas daquela divisão, daquele confronto entre o desejo individual e a identidade colectiva. A tartaruga sentia o peso da solidão a apertar-lhe o coração, mas dentro de si sabia que não havia retorno. O seu desejo de ser leão não era uma escolha que podia desfazer, era uma verdade que vivia nela, uma necessidade de romper com o que era esperado, mesmo que isso a afastasse de tudo o que conhecera.

A tartaruga-que-queria-ser-leão olhou para as outras com uma mistura de tristeza e compaixão. Sabia que, ao seguir o seu desejo, deixava para trás a segurança de uma vida em comunidade, mas também sentia que o preço da conformidade era a perda de si mesma. A decisão era dolorosa, mas irrevogável, como um acorde final de uma sinfonia de Mahler, onde a melodia se dissolve no ar, deixando apenas o eco de algo que existiu mas que já não pode ser retido.

9 O Desejo que Desafia a Maré

Quando a tartaruga pronunciou o seu desejo — «quero ser um leão» —, o silêncio instalou-se sobre a comunidade como uma sombra. As palavras ecoaram na alma de cada tartaruga ali presente, reverberando com um poder antigo. Para elas, aquela afirmação era mais do que um desejo; era uma quebra na ordem natural, uma onda de dissonância num mar de harmonia. As anciãs trocaram olhares demorados, como se aquele anseio fosse um estrangeiro no reino dos que sabiam esperar.

Com lentidão quase cerimonial, a tartaruga anciã acenou para a xamã e para as outras tartarugas mais velhas, instruindo-as a formar um círculo em redor da Pedra Sagrada. Cada anciã ocupava o seu lugar com uma postura firme e contemplativa, os olhos reflectindo memórias de uma eternidade passada ao abrigo das estrelas. Elas eram como árvores ancestrais, testemunhas de inúmeras marés, de ventos e de tempestades que só a passagem de gerações pode suportar.

A tartaruga xamã, envolta numa tranquilidade que irradiava como uma chama invisível, observava a tartaruga-que-queria-ser-leão com um olhar cheio de enigmas. Os seus movimentos eram cuidadosos e ponderados, e no seu olhar residia uma sabedoria semelhante àquela que a compositora Lili Boulanger expressava na sua música — uma tristeza tranquila, entrelaçada com uma compreensão do mundo e das

suas sombras. Ali, em redor da Pedra Sagrada, a xamã era o centro de um ritual cuja linguagem só as tartarugas mais antigas compreendiam plenamente.

A tartaruga-que-queria-ser-leão sentia o coração a pulsar com uma força nova, quase frenética, como uma peça da pianista e compositora Clara Schumann, onde as notas se enredam numa dança de expectativas e incertezas, cada acorde uma escolha, cada pausa uma dúvida. A decisão já tinha sido tomada, mas o peso dela parecia expandir-se, envolvendo a tartaruga e as que a rodeavam numa rede invisível de significado e consequência.

Uma das anciãs, com uma carapaça marcada por séculos de sabedoria, olhou para a tartaruga e, com uma voz profunda e pausada, disse: «Saberás, ao seguir este desejo, que nem todos os caminhos levam de regresso ao que somos. Por vezes, o que deixamos para trás não pode ser recuperado.» Esta afirmação, inspirada pelas palavras de Emily Dickinson — «A alma escolhe a sua própria sociedade, e depois fecha a porta» —, parecia ecoar como uma advertência. Ali, naquela decisão de mudar, havia uma promessa e uma perda, uma renúncia que ninguém além dela poderia compreender plenamente.

As outras tartarugas, ouvindo as palavras da anciã, murmuraram em concordância, os olhos perdidos no reflexo da lua sobre a Pedra Sagrada. Para elas, aquela decisão era uma maré estranha, uma correnteza que ameaçava arrastá-las para longe do porto seguro da continuidade. Sabiam, no entanto, que o desejo de transformação era poderoso, um impulso mais velho do que qualquer história e mais profundo do que o próprio oceano. E, numa espécie

de aceitação resignada, cada uma baixou a cabeça em silêncio, uma aceitação da verdade de que cada ser carrega dentro de si o desejo de ser algo além do que é.

Enquanto o círculo se completava, o vento trouxe consigo o som distante das ondas, um som que embalava todas com a mesma cadência com que a música de Florence Price ressoava nas salas de concerto. Era um som de resiliência, de uma força contida, de uma identidade que, mesmo no silêncio, mantinha o seu poder. A Pedra Sagrada, ao centro, parecia captar aquele som e devolvê-lo como um eco, um reflexo do desejo da tartaruga, uma amplificação da sua coragem. A tartaruga-que-queria-ser-leão olhou em redor, sentindo-se parte de um todo que agora se estendia para além das suas carapaças. Era uma ligação profunda, quase como se todas as tartarugas ali presentes partilhassem aquele desejo com ela. Naquele círculo, cada uma compreendia a verdade essencial de que a mudança era inevitável e, ao mesmo tempo, irreversível. Como escreveu Virginia Woolf: «Mudamos ao longo dos tempos e nada permanece o mesmo, excepto o desejo de conhecer quem somos.»

A xamã, que observava em silêncio, aproximou-se da tartaruga-que-queria-ser-leão. O seu olhar era ao mesmo tempo um espelho e um portal, um convite para explorar as profundezas do próprio desejo. «Então que seja», disse a xamã, com uma voz que parecia carregar a sabedoria das águas e do vento, «pois o desejo é o primeiro passo na viagem sem retorno.»

No meio do tumulto, quando as vozes da comunidade ainda ecoavam pela praia numa cacofonia de protestos e murmúrios, a anciã cor-de-mel deu um passo à frente. A sua carapaça brilhava sob a luz suave do luar, com marcas que pareciam símbolos antigos, traços esculpidos pelo próprio tempo. Havia nela uma quietude que contrastava com a agitação das outras tartarugas, e o simples ato de avançar em direcção à jovem tartaruga trouxe um silêncio inesperado ao ambiente. Todas as tartarugas voltaram o olhar para a anciã, respeitosas e apreensivas, como se a sua presença fosse capaz de restaurar a ordem num mundo que parecia à beira da desintegração.

A anciã olhou para a tartaruga-que-queria-ser-leão com um olhar profundo, um olhar que não julgava, mas que parecia ver através de cada camada do seu ser. Ela compreendia o desejo que ardia naquela jovem tartaruga; afinal, também ela fora jovnum dia, também ela sentira o chamado do desconhecido. Mas sabia, mais do que qualquer outra, que todas as transformações exignum sacrifício, um abandono do que se conhece para se entregar ao incerto. «Se queres mesmo deixar de ser tartaruga e passares a ser um leão,» disse a anciã, a voz carregada de uma sabedoria ancestral, «existe uma forma. Mas se fizeres essa escolha, nunca mais poderás voltar a ser tartaruga.»

As palavras da anciã ressoaram como um trovão silencioso, um sussurro que se misturava com o som do mar e que parecia ecoar por toda a extensão da praia. A tartaruga-que-queria-ser-leão sentiu o peso daquelas palavras, a inevitabilidade do que lhe era

oferecido. Era como se a sua alma fosse atraída para um ponto de convergência, um portal que só poderia ser atravessado se estivesse disposta a deixar para trás tudo o que conhecia. «Cada escolha é uma renúncia,» pensou, recordando as palavras de Marguerite Yourcenar, que afirmava que «Aquele que quiser tudo, terá que abandonar tudo.»

O ambiente em redor tornou-se pesado, como se o tempo parasse naquele instante de revelação. As ondas quebravam suavemente na areia, mas agora pareciam quase imateriais, uma presença distante que não podia tocar a profundidade do momento. O vento cessou, e o ar estava tão denso que a tartaruga sentia que podia agarrá-lo com as patas, como se até a própria natureza estivesse a assistir em suspenso, à espera da sua decisão.

A anciã continuou a observá-la, com os olhos profundos e serenos, uma presença que parecia tão velha quanto o próprio oceano. Ela não fazia julgamentos, mas também não escondia a seriedade do que estava a propor. Aquela escolha era final, irrevogável, uma linha que uma vez cruzada nunca poderia ser atravessada de volta. E a jovem tartaruga sabia que, ao aceitar, deixaria de pertencer à comunidade, de partilhar as rotinas e o ritmo da vida que sempre conhecera. Ser leão significava uma vida de solidão, uma vida fora do círculo, mas era também a realização de um desejo que sempre vivera dentro dela.

As outras tartarugas olhavam-na com uma mistura de curiosidade e temor, os seus olhos reflectindo a incerteza e a nostalgia de ver uma das suas partir para um caminho tão estranho e incerto. A praia, sob

a luz da lua, parecia transformar-se num cenário intemporal, um palco onde o passado e o futuro se encontravam, onde a escolha de uma jovem tartaruga se tornava o centro de tudo.

Por fim, a tartaruga-que-queria-ser-leão respirou fundo, sentindo o ar frio da noite encher-lhe os pulmões. Olhou para a anciã e, com uma voz firme mas trémula, disse: «Sim, quero ser um leão.»

10 O Aviso da Anciã Cor-de-Mel

Quando o círculo estava completo e o vento havia acalmado, uma figura distinta avançou. Era a anciã tartaruga cor-de-mel, a mais velha e sábia de todas, cuja carapaça tinha um tom dourado suave, como areia iluminada pelo sol. Ela avançou com um movimento solene, cada passo era uma lembrança da paciência e da força que o tempo esculpira em si. Ao olhar para a tartaruga-que-queria-ser-leão, os seus olhos reflectiam um oceano de experiências, como se visse não apenas o desejo daquela jovem tartaruga, mas todos os sonhos e desilusões que aquele pedido implicava.

A anciã, com a voz pausada e firme, como se cada palavra tivesse o peso de uma rocha, dirigiu-se à tartaruga com um tom de advertência: «Se queres mesmo deixar de ser tartaruga e passares a ser um leão, existe uma forma,» disse ela, a voz ecoando como uma verdade incontestável. «Mas se fizeres essa opção, nunca mais poderás voltar a ser tartaruga de novo.» O aviso pairou no ar como uma melodia inacabada, uma nota suspensa que lembrava o final de uma peça de Nina Simone, onde cada acorde reverberava na alma, carregado de intensidade e melancolia.

O silêncio que se seguiu era pesado, preenchido por pensamentos e olhares trocados. As outras tartarugas olharam para a tartaruga-que-queria-ser-leão, sentindo que aquele

desejo desafiava algo mais profundo do que o seu entendimento. Era como se a própria terra hesitasse, como se a escolha fosse um abismo que apenas ela poderia enfrentar. «Lembra-te,» continuou a anciã, «não existem atalhos para aquilo que desejas. Uma vez dado o passo, o caminho é um só.»

A tartaruga-que-queria-ser-leão absorvia cada palavra, sentindo o peso do compromisso que estava prestes a assumir. Sentiu um arrepio percorrer-lhe o corpo, como se cada célula estivesse a despertar para uma verdade profunda e irrevogável. Na sua mente, ecoava uma frase de Mary Shelley, autora de Frankenstein: «Nada é tão doloroso para a mente humana como uma grande e repentina mudança.» Ela sabia que, ao aceitar o desafio, ao atravessar o limiar entre o que era e o que desejava ser, perderia para sempre a segurança e a familiaridade de ser tartaruga.

A anciã cor-de-mel observou a jovem tartaruga, tentando ler-lhe o coração. No seu olhar, havia a sabedoria de quem vira gerações passar, de quem compreendia o ciclo das marés, dos ventos e das transformações que a vida exige. «Entende, pequena,» disse ela, com a voz suave e firme, «que o que estás a pedir não é uma simples mudança de forma. É uma despedida, uma renúncia. Como disse Zora Neale Hurston, «Não existem atalhos para nenhum lugar aonde valha a pena ir».» As palavras da anciã pareciam enraizar-se na alma da tartaruga-que-queria-ser-leão, como se cada uma delas fosse uma pedra a pavimentar o caminho que ela escolhera.

As outras tartarugas, em silêncio, acompanhavam o momento com uma mistura de respeito e temor. Naquela comunidade, os desejos de mudança eram raros e sagrados. Cada uma delas compreendia o que significava abandonar a própria essência; sabiam que, ao atravessar o limite do conhecido, não havia retorno. A anciã cor-de-mel tinha razão — o que a tartaruga jovem desejava era um novo nascimento, uma recriação da sua identidade, um ato que lhe custaria a sua vida antiga.

O vento soprou novamente, trazendo o cheiro do mar e o som distante das ondas. Era como se a natureza estivesse a observar, como se o próprio universo aguardasse a resposta da tartaruga-que-queria-ser-leão. E naquele momento, ela compreendeu que o caminho para se tornar leão era uma ponte sem volta, uma jornada que não apenas transformaria a sua forma, mas também o seu espírito. A anciã cor-de-mel recuou, deixando a tartaruga-que-queria-ser-leão a sós com a sua escolha, o seu desejo e o seu destino.

Após ouvir a confirmação decidida da jovem tartaruga, a anciã virou-se para a comunidade com um olhar que dizia mais do que qualquer palavra. Com um gesto lento e gracioso, a anciã convocou as outras tartarugas mais velhas, aquelas cuja presença e experiência se tornavam essenciais para um ritual de tal profundidade. As anciãs avançaram em silêncio, com passos lentos e precisos, como se o simples ato de caminhar até à Pedra Sagrada fosse parte de uma coreografia antiga e sagrada, onde cada movimento carregava o peso de gerações. A atmosfera estava carregada, e até o vento parecia ter

deixado de soprar, como se a natureza inteira aguardasse em respeito.

A Pedra Sagrada, um monólito rugoso e cheio de marcas que o tempo esculpira, erguia-se no centro do círculo que se formava. Havia uma mística especial naquele local, uma energia que parecia ter vida própria, pulsando em sintonia com o oceano e a terra. As tartarugas que se reuniam em redor da Pedra Sagrada sabiam que estavam prestes a assistir a algo extraordinário, algo que ia contra o ciclo natural, mas que, naquele momento, se tornava necessário. Este era um ritual raro, um momento de entrega e de renúncia que seria lembrado pela comunidade para sempre.

A tartaruga xamã, a guardiã das tradições e dos segredos da transformação, posicionou-se ao lado da anciã cor-de-mel. A sua carapaça estava decorada com símbolos e gravuras ancestrais, cada uma representando um ciclo de vida, uma história esquecida. A xamã parecia carregar em si a sabedoria do mundo, uma serenidade que a distinguia das outras, e os seus olhos, fechados por um breve momento, pareciam ver para além do visível. Quando finalmente abriu os olhos, fixou o seu olhar na tartaruga-que-queria-ser-leão, como se estivesse a ler-lhe a alma, a avaliar a profundidade daquele desejo.

«Aquilo que desejas é mais do que uma forma, é uma nova essência,» murmurou a xamã, a sua voz grave ressoando como um eco suave que preenchia o círculo. «Mas para obteres o que procuras, terás de abandonar aquilo que sempre foste.» As palavras da xamã eram um lembrete da seriedade da escolha,

uma confirmação de que o desejo de ser leão não era apenas um capricho, mas uma transformação que exigiria uma entrega absoluta. Era como se todo o ritual fosse uma resposta a uma melodia profunda, como as composições de Laurie Anderson, onde cada som transporta o ouvinte para um estado de introspecção e revelação.

Em redor, as tartarugas anciãs abanavam as suas cabeças em silêncio, criando uma harmonia de compreensão e aceitação, como se tivessem compreendido e abençoado a escolha da jovem tartaruga. A sua presença era serena, mas o seu olhar transmitia um peso que reflectia as experiências de inúmeras gerações. Elas sabiam que aquele ritual não era apenas para transformar a jovem tartaruga, mas também para permitir que o desejo individual de uma se unisse ao legado de todas, como um fio entrelaçado no grande tecido da existência.

A tartaruga-que-queria-ser-leão, posicionada no centro do círculo, sentia o coração a bater mais forte, o seu corpo pequeno vibrando com uma mistura de medo e antecipação. Estava ali, disposta a abandonar a sua carapaça e a mergulhar numa forma desconhecida, numa vida que não lhe oferecia garantias. Mas o desejo de ser leão era mais forte do que qualquer receio, era uma chama que a consumia e que não poderia ser extinta. Naquele momento, sentia-se pronta para abrir mão de tudo o que conhecia, para transformar-se naquilo que sempre sonhara.

Enquanto as tartarugas em redor lançavam pequenos grãos de areia contra as carapaças, criando uma

música rítmica e profunda, a jovem tartaruga fechou os olhos, preparando-se para o que estava por vir.

11 O Caos do Desejo

Assim que a declaração de desejo foi confirmada e o ritual da anciã cor-de-mel concluído, um silêncio breve instalou-se sobre a comunidade, mas rapidamente deu lugar a uma tempestade de vozes que irromperam como ondas num mar agitado. «Ultraje!» gritavam umas, as suas vozes carregadas de incredulidade e fúria. «Traidora!» vociferavam outras, os olhos inflamados, incapazes de compreender aquele desejo que parecia desafiar a própria ordem da vida que sempre haviam conhecido.

As palavras ecoavam no ar, e a comunidade que antes a tinha acolhido agora parecia uma multidão de sombras que lançavam olhares acusadores e severos. Cada exclamação parecia um julgamento, uma condenação que atingia a tartaruga-que-não-queria-ser-tartaruga-mas-sim-leão com o peso da reprovação. Ela tremia, o seu corpo pequeno sacudido pelo impacto das palavras, como um jovem arbusto fustigado pelo vento. Mas, mesmo na sua fraqueza, o desejo continuava a arder dentro dela, como uma chama pequena e persistente que não podia — ou não queria — ser extinta.

Ao seu redor, o caos continuava a crescer. As tartarugas que haviam caminhado com ela na areia, que partilhavam os mesmos caminhos de migração e os rituais de desova, agora eram figuras distantes e iradas. Havia algo profundamente perturbador naquele desejo de mudança, algo que mexia com as

fundações da identidade colectiva. A transformação era vista como uma ameaça, e as anciãs, que raramente abandonavam o seu silêncio, fitavam a jovem tartaruga com olhares carregados de desaprovação, como se ela estivesse a transgredir uma regra que sempre fora inquestionável.

No fundo, o tumulto lembrava-lhe uma sinfonia de Shostakovich, cheia de tensão e incerteza, onde cada instrumento parecia tocar contra o outro, onde as melodias se tornavam dissonantes e o ritmo intensificava-se a cada compasso. Cada grito de «ultraje» e «traição» era uma nota fora de tom, uma dissonância que ameaçava sufocar o seu desejo, a sua aspiração de ser algo mais.

Mas, mesmo enquanto tremia, a jovem tartaruga encontrou força nos seus próprios sonhos, naquilo que lhe chamava para além da sua forma. Lembrava-se de uma frase de Anaïs Nin, que dizia: «E chegou o dia em que o risco de permanecer apertada dentro do botão era mais doloroso do que o risco de desabrochar.» Essa frase ressoava nela como um mantra, um lembrete de que, por mais caótico que fosse o exterior, havia uma verdade que só ela conhecia e que a sustentava como uma raiz oculta.

No meio do alvoroço, a tartaruga xamã observava tudo com uma calma enigmática. Os seus olhos fixos na jovem tartaruga, mas sem condenação ou aprovação, como se estivesse a testemunhar o desenrolar de uma profecia inevitável. Era uma figura solitária no meio da multidão, um pilar de silêncio que parecia dizer que todas as transformações verdadeiras exigem resistência ao julgamento, à dúvida e ao medo.

As vozes das tartarugas mais velhas continuavam a ecoar, cada uma a projectar os seus medos e ressentimentos. «Nós somos o que somos,» murmurou uma delas, a voz marcada pela nostalgia e pela certeza de uma vida sem grandes alterações. «Ser tartaruga é o nosso destino, o nosso caminho,» afirmou outra, tentando recordar a jovem tartaruga de que o que ela procurava era uma ilusão. Era como se a sua escolha de se tornar leão fosse uma afronta à própria natureza.

Mas a tartaruga-que-não-queria-ser-tartaruga-mas-sim-leão manteve-se firme, mesmo que o seu corpo tremesse, mesmo que o medo a assaltasse. Ela sabia que, ao escolher seguir o seu desejo, escolhera uma solidão que poucas poderiam compreender. Cada insulto, cada acusação, era uma prova de que o caminho que escolhera era verdadeiro, de que a transformação sempre vem acompanhada pela incompreensão e pelo afastamento.

O círculo de tartarugas em redor da Pedra Sagrada estava imóvel, as sombras alongadas pelo luar a envolverem a praia numa penumbra quase irreal. As tartarugas mais velhas continuavam a lançar pequenos grãos de areia contra as carapaças umas das outras, o som seco e rítmico ecoando pela noite como o estalido de um fogo antigo. Era uma melodia crua e ritualística, um som que parecia sair das profundezas do tempo, cada batida marcando o ritmo de um ciclo que ali se encerrava para dar lugar a algo novo. A areia subia no ar e caía sobre a carapaça da jovem tartaruga, que, com os olhos fechados e o coração acelerado, aguardava o momento da

transformação.

A tartaruga xamã começou a rodopiar sobre si mesma, o corpo pequeno e firme a girar cada vez mais rápido, os seus movimentos desenhando figuras invisíveis no ar. Ao rodar, ela evocava a energia de um eixo invisível que parecia conectar o céu e a terra, um ponto de convergência onde todos os opostos se encontravam. A carapaça da xamã, decorada com marcas e símbolos antigos, reflectia a luz da lua em breves lampejos, criando um efeito hipnótico que prendia a atenção de todas as tartarugas em redor. O mundo inteiro parecia convergir para aquele espaço sagrado, onde o tempo e o espaço deixavam de ter sentido, e cada elemento do universo participava do momento.

As outras tartarugas mantinham o ritmo, o som das pequenas pedras batendo nas carapaças agora semelhante ao de tambores, como uma peça de percussão de Evelyn Glennie, onde cada batida é carregada de emoção e propósito. O som enchia o ar, tornando-se uma pulsação que envolvia tudo, uma música primitiva que parecia ecoar nas profundezas da terra e do mar. A jovem tartaruga, no centro de tudo, sentia-se pequena e imensa ao mesmo tempo, uma partícula perdida num universo vasto e misterioso, mas ao mesmo tempo essencial, como se toda a sua existência tivesse culminado naquele instante.

À medida que a tartaruga xamã rodopiava, a tartaruga-que-queria-ser-leão começou a sentir uma mudança profunda. Primeiro, uma sensação de calor espalhou-se pelo seu corpo, como se uma chama ardente a envolvesse, queimando a sua carapaça,

dissolvendo as camadas que a protegiam. Era uma dor doce e inevitável, uma rendição à energia que a xamã invocava, uma aceitação do desejo que a habitava. O seu corpo começou a alongar-se, as patas a crescerem, a carapaça a desaparecer, até que a sua forma já não era a de uma tartaruga, mas a de um leão.

A transformação era ao mesmo tempo estranha e natural, uma mutação que parecia obedecer a uma lógica antiga e secreta, uma magia que só a natureza compreendia. Quando finalmente a sensação de calor diminuiu, a tartaruga-quequeria-ser-leão abriu os olhos e percebeu que o seu corpo era agora o de um leão. Sentiu o peso dos músculos sob a pele, a força nas patas, e um poder novo e imenso a preencher-lhe cada fibra. Era como se estivesse a ver o mundo pela primeira vez, com uma clareza intensa e uma conexão profunda com o que a rodeava.

A anciã cor-de-mel observava-a com um olhar de admiração misturada com tristeza. Ela sabia que aquele era o momento de separação, que a jovem tartaruga, agora leão, deixava para trás a comunidade e a vida simples da praia. Com uma voz calma, mas firme, a anciã dirigiu-se a ela: «Tu já não és uma das nossas. Parte e não voltes nunca mais.» Aquelas palavras eram a despedida final, uma linha desenhada entre o passado e o futuro, um adeus que encerrava o ciclo de uma vida e inaugurava outro.

O leão, ainda em choque com a sua nova forma, sentiu uma pontada de dor ao ouvir aquelas palavras, mas também uma sensação de liberdade, como se o mundo inteiro se estendesse à sua frente. Ele olhou uma última vez para as tartarugas, para o círculo que

o acolhera e que agora o deixava partir. Sem mais uma palavra, virou-se e começou a afastar-se da Pedra Sagrada, cada passo uma confirmação da sua escolha, cada batida do coração um eco do seu novo destino.

12 A Tartaruga que Queria Ser Outra

Desde os seus primeiros dias, algo na tartaruga-que-queria-ser-leão se destacava. Nasceu numa noite calma, enquanto a lua cheia iluminava o céu e as estrelas formavam padrões misteriosos sobre a praia. Enquanto as outras tartarugas recém-nascidas instintivamente corriam para as ondas, impelidas por um chamado natural que as guiava para o mar, ela hesitou, observando o céu e sentindo o peso daquele mundo vasto e desconhecido a envolver-lhe os pensamentos. A sua pequena carapaça parecia conter mais do que um corpo frágil — havia nela uma inquietação que apenas crescia.

Ao longo dos anos, enquanto as outras tartarugas se contentavam em percorrer a praia, procurando alimentos e refúgio, ela passava longos períodos sozinha, explorando cada recanto das dunas, fascinada por cada nova descoberta. Tinha uma curiosidade sem fim, uma sede de algo maior, que a levava a questionar tudo o que as rodeava. Ao observar o movimento das ondas, o voo dos pássaros e o nascer do sol sobre o mar, sentia que o mundo lhe revelava algo que não conseguia explicar, como se todas aquelas paisagens fossem sussurros de um destino diferente, algo além do que parecia ser esperado para uma tartaruga. À medida que crescia, começou a escutar as histórias das tartarugas mais velhas, histórias de viagens e experiências em praias distantes. Muitas delas falavam da majestade de

outras criaturas que habitavam o mundo — criaturas como o leão, uma figura que ela conheceu apenas através de palavras. Segundo as histórias, o leão era um ser temido e respeitado, a sua presença impunha autoridade e uma força que movia tudo em redor de si. A tartaruga-que-queria-ser-leão sentia uma admiração silenciosa por aquela imagem, uma fascinação quase inexplicável. «Um dia,» pensava para si, «talvez eu também possa ser algo tão grandioso.»

Era difícil explicar esse desejo às outras tartarugas, que aceitavam as suas vidas com uma simplicidade que ela, de algum modo, invejava. Havia algo na sua essência que a empurrava para além dos limites daquela vida tranquila e previsível. Um dia, ao partilhar os seus pensamentos com uma tartaruga amiga, recebeu apenas um olhar confuso e, depois, uma risada breve e desajeitada. «Mas por que queres ser outra coisa? Não é ser tartaruga o suficiente?» perguntou-lhe a amiga, com uma expressão de surpresa genuína.

Ela ficou em silêncio. Como explicar que o seu desejo ia além da simples vontade de mudar? Não se tratava de insatisfação com o que era, mas de uma força que vivia dentro dela, algo que a chamava para fora da carapaça, para longe do conhecido. Era como se o mundo inteiro fosse uma música inacabada, uma melodia que ecoava nos seus pensamentos e que só poderia compreender plenamente se pudesse expandir-se, mudar, tornar-se algo mais. Sentia-se como uma nota solitária numa composição vasta, que ansiava por encontrar o seu lugar entre acordes poderosos, tal como os de Florence Price, cuja

música parecia ressoar nas profundezas do mundo.

A cada novo dia, o seu desejo crescia, cada vez mais intenso. Tornara-se o seu segredo mais precioso, uma chama escondida que a aquecia e a motivava a continuar. Pensava em tudo o que teria de deixar para trás, mas, como disse a poeta Rupi Kaur, «Queimar para renascer das cinzas, isso é crescer.» Ela sabia que, para ser quem queria ser, teria de abrir mão do que conhecia.

Com o tempo, as outras tartarugas começaram a notar a sua diferença. A sua postura, a forma como olhava para o horizonte, tudo nela parecia desafiar as expectativas. Não era uma rejeição do que era, mas uma inquietação que a fazia mover-se com uma leveza e determinação que as outras não compreendiam. Quando falava do seu desejo de ser leão, recebia olhares de reprovação e murmúrios de desaprovação. Era como se o próprio ato de sonhar em ser algo diferente fosse uma afronta à tradição, à identidade que todas partilhavam. E assim, a tartaruga-que-queria-ser-leão tornava-se cada vez mais solitária, movida pelo seu desejo que não sabia definir. Era um fogo silencioso, uma vontade tão poderosa que a mantinha acordada sob o céu estrelado, a imaginar o que seria se pudesse abandonar a sua forma, a sua essência, e tornar-se o que sempre sonhara.

O leão-que-fora-tartaruga caminhava lentamente para longe da Pedra Sagrada, cada passo a afastá-lo da comunidade que um dia fora o seu lar. Sentia a terra quente sob as suas patas, o vento a tocar-lhe o rosto com a suavidade de uma despedida, e o peso da decisão que o envolvia como uma sombra. Era a

primeira vez que experimentava a vastidão do mundo sem a protecção de uma carapaça, e essa nova sensação de vulnerabilidade misturava-se com a excitação de explorar o desconhecido. Mas, enquanto avançava em direcção à selva, o eco das palavras da anciã ainda ressoava no seu coração: «Parte e não voltes nunca mais.» Ao entrar na selva, uma sensação de imensidão envolveu-o, como se o mundo inteiro o convidasse a descobrir os seus segredos. As árvores erguiam-se altas em redor de si, as copas verdes a formarnuma cúpula viva que o isolava do céu, e o som das folhas movendo-se ao vento criava uma sinfonia suave e constante. A selva era ao mesmo tempo acolhedora e ameaçadora, como uma melodia de Alice Coltrane, onde cada acorde contém tanto beleza quanto mistério, um som que transporta o ouvinte para as profundezas da alma. Sentia-se como um explorador que cruzava um novo universo, onde cada detalhe, cada som, era uma revelação. Contudo, à medida que avançava, o leão começou a perceber que a liberdade que buscara também trazia um vazio inesperado. A ausência das tartarugas, a ausência das suas vozes e do ritmo pacífico da comunidade, deixavam-no só com os seus próprios pensamentos, um eco silencioso que lhe lembrava tudo o que deixara para trás. «Escolher é renunciar,» pensou, recordando as palavras de Simone de Beauvoir. «Mas a renúncia que nos liberta também nos aprisiona.» E ali, entre as árvores, percebia agora que o seu desejo de ser leão o afastara de tudo o que lhe era familiar.

O caminho pela selva era denso, cada passo exigia-lhe uma força que nunca precisara como tartaruga. O corpo de leão oferecia-lhe resistência, mas o seu coração ainda procurava o conforto e a

protecção que um dia encontrara no simples ato de ser tartaruga. A cada som estranho, a cada sombra que surgia entre as árvores, sentia um medo silencioso, como se aquele novo corpo poderoso não pudesse verdadeiramente protegê-lo do desconhecido. Ele era forte, mas estava só, e essa solidão pesava-lhe como um fardo que nenhum poder podia aliviar.

O sol começou a descer, e a selva tornou-se mais escura, as sombras crescendo e envolvendo o espaço em redor de si. A luz do entardecer banhava as árvores e o chão com um brilho avermelhado, criando um cenário que era ao mesmo tempo belo e melancólico. O leão-que-fora-tartaruga olhava em redor, tentando encontrar um lugar onde pudesse descansar, mas sentia-se deslocado, como se a selva lhe oferecesse tudo, excepto paz. Pensou nas palavras de Emily Dickinson: «Para onde irei, não sei, mas também não conheço o caminho de volta.» E, com essas palavras no coração, aceitou que o seu destino era seguir em frente, sem olhar para trás.

Naquele momento, sentiu um aperto no coração, uma saudade das tardes passadas na praia, do som das ondas e do calor da areia sob a sua carapaça. Mas sabia que já não poderia regressar. O seu corpo de leão era uma lembrança constante da escolha que fizera, uma forma que, embora forte, carregava o peso de um desejo insatisfeito. A liberdade que buscara transformara-se numa solidão implacável, um destino que ele próprio moldara com cada passo que dera para longe da sua verdadeira natureza.

O leão, agora exilado e solitário, ergueu o olhar para a última luz do dia que se desvanecia no horizonte.

Sentiu uma lágrima deslizar pelo seu rosto, uma despedida silenciosa à vida que escolhera abandonar. E com um suspiro profundo, aceitou que a sua jornada apenas começara.

13 As Sobreviventes

Naquela praia vasta e deserta, onde a areia tocava o céu e as ondas pareciam sussurrar segredos antigos, o milagre da vida acontecia com uma intensidade silenciosa, quase invisível. As tartarugas adultas, algumas com carapaças marcadas por anos de viagens e retornos, faziam o seu ritual anual de desova, escondendo cuidadosamente os seus ovos sob a areia. Cada grão de areia parecia partilhar a responsabilidade de proteger as futuras vidas, criando uma camada de segurança para aquelas frágeis existências.

Naquela noite, o céu estava carregado de estrelas, como se o cosmos inteiro observasse o nascimento de um novo ciclo. As 428 tartaruguinhas emergiram da areia, uma a uma, movidas por um impulso ancestral que as empurrava para a superfície, cada uma uma centelha de esperança, uma promessa para o futuro. Sentiam o chamado das ondas, o cheiro salgado do oceano a preencher-lhes os sentidos, e lançaram-se na direcção do mar com uma determinação que parecia desproporcional aos seus pequenos corpos.

Mas a travessia era perigosa. A lua iluminava a praia, lançando sombras compridas, e o céu tornava-se uma ameaça constante. Pássaros predadores voavam em círculos, os olhos fixos nas pequenas figuras que se moviam com dificuldade sobre a areia. O voo rasante das aves cortava o ar como lâminas, numa sinfonia cruel onde cada grito de vitória era um som que se

perdia no infinito. Para cada tartaruguinha que conseguia avançar um pouco mais, outra era apanhada nas garras afiadas, o seu destino interrompido numa fração de segundo. Era uma cena de vida e morte, de promessas quebradas e sonhos interrompidos, como uma composição de Sofia Gubaidulina, onde cada nota parecia reflectir a luta eterna entre o que é efémero e o que persiste.

Entre as pequenas tartarugas, havia uma que se movia com uma energia incomum, uma que olhava para o mar com um misto de determinação e reverência. Esta era a tartaruga-que-queria-ser-leão. Desde os seus primeiros momentos, sentia que algo dentro dela a empurrava, não apenas para o mar, mas para algo que ia além daquele ato de sobrevivência. Havia nela uma inquietação, uma curiosidade que a fazia observar o mundo com uma intensidade maior do que as outras. Via a tragédia à sua volta, cada perda a gravar-se-lhe na memória como um lembrete silencioso da sua própria fragilidade.

À medida que se aproximava da linha de água, conseguia ouvir o som das ondas com mais clareza, cada onda um sussurro profundo, uma promessa de liberdade e de desconhecido. Enquanto muitas das suas irmãs pareciam apenas focadas em alcançar o mar, ela sentia-se absorvida pelo cenário, pelo peso daquela jornada, como se o simples ato de sobreviver fosse, para ela, insuficiente. Era como se o seu espírito se recusasse a aceitar o destino que lhe estava reservado, ansiando por algo que ela ainda não sabia nomear.

Das 428 pequenas tartarugas, apenas 275 escaparam ao cerco dos predadores e das marés. E à medida que o sol nascia no horizonte, as sobreviventes desapareciam nas ondas, lançando-se num mundo novo e incerto. Cada uma delas carregava uma história de resiliência, um destino moldado pelo acaso, mas a tartaruga-que-queria-ser-leão levava consigo algo a mais: um propósito inato, um desejo de entender o que mais o mundo poderia oferecer além da sua identidade de tartaruga.

Nos dias que se seguiram, a jovem tartaruga explorou o oceano com a mesma curiosidade e inquietação que sempre a haviam acompanhado. A vastidão das águas despertava-lhe um misto de medo e fascínio. Era como se o mar se tornasse uma extensão do seu próprio desejo de descobrir algo além do que conhecia. Observava as outras tartarugas a movimentarem-se em harmonia com as correntes, adaptando-se com uma serenidade que ela, de alguma forma, invejava. Mas não conseguia evitar aquela sensação persistente de desajuste, de que o seu lugar no mundo ainda não estava totalmente definido.

A tartaruga-que-queria-ser-leão sentia a vida pulsar em redor de si e dentro de si, mas também sentia o vazio de algo que faltava. Perguntava-se se alguma vez poderia encontrar a paz que as outras tartarugas pareciam ter — uma aceitação do seu destino. As palavras de Toni Morrison vinham-lhe à mente, como se ecoassem do fundo do oceano: «Se queres voar, tens de abandonar aquilo que te puxa para baixo.» Ela sabia que o seu desejo de ser mais vinha com um preço, mas sentia-se disposta a pagá-lo, a explorar

todos os recantos daquele mundo para descobrir o que realmente significava ser leão.

E assim, a tartaruga-que-queria-ser-leão seguiu em frente, nadando entre os seus pares, mas sempre um pouco afastada, o olhar a perder-se no horizonte, a mente repleta de sonhos e perguntas.

Era outubro, e a noite caía lentamente sobre a praia da Ilha da Boavista, trazendo consigo uma serenidade antiga, como se cada estrela que surgia no céu fosse uma testemunha do ciclo interminável de vida e renascimento que ali acontecia. Sob a luz da lua, as tartarugas adultas aproximavam-se da areia macia, os seus corpos movendo-se com a calma de quem conhece os segredos do tempo. Era um momento sagrado, onde cada uma depositava os seus ovos com a suavidade de uma promessa, uma entrega silenciosa ao destino. Os seus olhos, profundos e serenos, reflectiam uma confiança ancestral, a certeza de que a vida seguiria o seu curso, como sempre fizera.

A praia transformava-se num cenário quase etéreo, onde a areia branca e fina brilhava como prata sob a luz suave do luar, e o som das ondas quebrando na costa compunha uma melodia suave e constante. O oceano, imenso e misterioso, parecia acolher aquele ritual com um abraço silencioso, e o vento leve sussurrava entre as dunas, como se a própria natureza estivesse a murmurar bênçãos para as novas vidas que ali começavam. A atmosfera era solene, uma comunhão entre o céu, a terra e o mar, onde cada elemento participava num equilíbrio perfeito. Das profundezas da areia, centenas de pequenas tartarugas começavam a romper as suas

cascas, emergindo para a superfície com uma força que desafiava a sua frágil aparência. Os seus olhos, ainda adaptando-se à luz, piscavam ao encarar o vasto mundo à sua frente, e os seus pequenos corpos moviam-se com uma determinação surpreendente em direcção ao oceano. Havia uma urgência nos seus movimentos, um desejo inato de alcançar o mar, de se lançar numa jornada que apenas começava. Era como se, mesmo sem compreenderem, soubessem que o seu lugar era ali, nas profundezas do oceano que as chamava.

Entre essas pequenas tartarugas, uma movia-se com uma energia particular, os seus olhos atentos a observarem a extensão da praia e o horizonte onde o mar encontrava o céu. Havia nela um brilho diferente, uma inquietação que a destacava das outras. E naquele breve momento, enquanto seguia em direcção ao oceano, sentiu um desejo profundo que não sabia nomear, um impulso que parecia puxá-la para algo além da vida de tartaruga. Era uma chama latente, um desejo de transcendência que lhe acendia o coração. O mundo, para ela, era ao mesmo tempo vasto e insuficiente, um paradoxo que a fazia questionar o seu próprio destino.

As outras tartarugas continuavam a sua travessia silenciosa, uma após outra, movendo-se como notas numa sinfonia natural. Havia beleza na simplicidade do seu percurso, uma paz que a tartaruga-que-queria-ser-leão admirava, mas que também lhe parecia distante. Sentia, mesmo naquele momento inicial, que o seu caminho talvez fosse diferente, como se uma melodia inaudível a chamasse para algo além do horizonte. Lembrou-se de uma

frase de Virginia Woolf: «Não posso ser feliz com a vida que me é oferecida. Quero mais do que isso.» E ali, no primeiro toque das ondas, compreendia que esse «mais» a consumia desde o primeiro instante.

As pequenas tartarugas iam desaparecendo nas ondas, lançando-se num mundo que as acolheria e testaria, e a tartaruga-que-queria-ser-leão sentiu-se inundada por uma mistura de emoção e melancolia. Sabia que o oceano era o seu lar, mas algo dentro dela ansiava por algo que não sabia definir, um sonho que pulsava na sua essência. Ao tocar as ondas pela primeira vez, sentiu o frio do oceano, um abraço que era tanto acolhedor quanto revelador, e uma certeza enchia o seu coração: a sua história estava apenas a começar.

14 A Tartaruga que Queria Ser Leão

Era por volta de outubro, quando as tartarugas gigantes, de carapaças gastas pelo tempo e pela travessia dos oceanos, chegavam à praia da Ilha da Boavista, em Cabo Verde. A areia parecia ter o calor acumulado de séculos, como se cada grão guardasse a memória de todas as vidas que ali nasceram e se despediram, num ciclo constante de continuidade e partida. O céu estava límpido, a brisa salgada e leve, e as ondas quebravam na praia com um ritmo que parecia pulsar como um coração antigo, unindo a vida terrestre e marinha num só compasso. As tartarugas moviam-se com uma lentidão cerimonial, cada uma escolhendo um ponto da praia onde, com uma calma paciente, escavavam covas na areia. Ali, depositavam os seus ovos, cuidando de os enterrar cuidadosamente, cobrindo-os com uma camada de areia e mar, de protecção e mistério. O vento soprava suavemente, misturando o cheiro do mar com o perfume da noite, enquanto a lua lançava o seu brilho pálido sobre a praia, criando sombras suaves que se moviam ao ritmo da respiração do oceano. Cada tartaruga parecia saber, no fundo, que o seu trabalho era mais do que um ato de sobrevivência — era uma herança silenciosa, um presente para o futuro, um legado de coragem e resiliência. Sob a areia, dentro de cada ovo, um mundo pulsava em miniatura, uma vida em estado de espera. As pequenas tartarugas cresciam no escuro, movendo-se em silêncio, mas sentindo já o chamado das ondas e o calor da

superfície. Quando finalmente chegou a hora, numa noite de brisa suave, as primeiras cabeças romperam a areia, pequenas e frágeis, mas cheias de uma energia que parecia desproporcional aos seus corpos delicados. Cada tartaruguinha olhava em redor, os olhos a brilharem ao reflectir as estrelas, o instinto a guiá-las para o mar, para a imensidão de um destino que ainda não compreendiam.

Dentre as 428 tartaruguinhas que emergiram da areia, havia uma que se destacava, ainda que em silêncio, das suas irmãs. A tartaruga-que-queria-ser-leão, desde os primeiros momentos, sentia-se estranhamente diferente. Ao romper a superfície da areia, ficou parada por alguns instantes, fitando o céu estrelado e deixando que o som das ondas enchesse o seu ser. Enquanto as outras se lançavam apressadas em direcção ao mar, ela hesitou, fascinada pelo mistério que a cercava, como se cada estrela e cada onda lhe contassem histórias de um mundo vasto, repleto de possibilidades.

Ela não sabia o que significava ser leão, mas sabia que o seu coração ansiava por algo além do que a sua pequena carapaça lhe permitia. O desejo de se tornar leão não era apenas uma curiosidade passageira — era uma vontade profunda que a preenchia como um segredo bem guardado, uma certeza que não sabia explicar. Ao observar o horizonte, sentiu que o mundo era maior do que aquela praia, maior do que o oceano que estava prestes a descobrir. Para ela, viver não era apenas aceitar o que lhe estava reservado; era explorar, transformar-se, desafiar o que parecia imutável.

O caminho até ao mar era repleto de obstáculos. A areia parecia imensa, cada grão um passo de coragem, e a distância entre ela e as ondas mais parecia uma odisseia do que uma simples travessia. Os pássaros sobrevoavam a praia, os olhos atentos às pequenas figuras que se moviam lentamente, como se a praia lhes oferecesse um banquete de vida e esperança. E, ao ver tantas das suas irmãs caírem antes de chegar às ondas, a tartaruga-que-queria-ser-leão sentiu que cada passo seu tinha um peso maior, que o seu desejo não era apenas um capricho, mas uma responsabilidade.

Finalmente, ao alcançar a linha de água, olhou para trás uma última vez, para a praia onde nascera, para as estrelas que a haviam guiado e para as sombras das tartarugas adultas, que, ao longe, pareciam vigiar a jornada das pequenas com um olhar silencioso e eterno. Com o coração a palpitar, lançou-se ao mar, mergulhando na vastidão que a esperava.

Ao primeiro toque das ondas, a tartaruga-que-fora-leão sentiu uma descarga de sensações intensas, como se a água fria e salgada lhe reavivasse todas as memórias adormecidas, toda a paz que um dia conhecera. As ondas envolviam-na com uma familiaridade doce e antiga, um abraço do qual se sentira afastada durante tanto tempo. Cada movimento do mar parecia sussurrar-lhe segredos de uma vida que ela abandonara mas que, no fundo, nunca deixara de a chamar. Era como se o oceano fosse a sua verdadeira carapaça, uma extensão do seu próprio ser, e ao mergulhar novamente nele, sentia-se finalmente em casa.

A água subia lentamente, cobrindo-lhe o corpo, e o frio do oceano trouxe-lhe uma clareza que há muito não experimentava. A superfície da água brilhava sob a luz da lua, e cada gota que lhe tocava era uma promessa de renovação, um convite para deixar para trás a forma de leão, o peso de um desejo que não era o seu, e entregar-se ao fluxo natural das marés. A tartaruga-que-fora-leão sentia o corpo a transformar-se, a carapaça a emergir de volta, as patas a tornarem-se firmes e familiares, como se o oceano a estivesse a moldar novamente naquilo que sempre fora destinada a ser.

A praia em redor de si tornava-se indistinta, uma sombra distante, enquanto as ondas a levavam para o coração do mar, onde as profundezas ofereciam uma tranquilidade que ela jamais encontrara em outro lugar. O mundo parecia expandirse em redor de si, tornando-se vasto e acolhedor, uma sinfonia de silêncio e movimento, onde cada corrente de água lhe oferecia a segurança e o pertencimento que tanto desejara. Lembrou-se das palavras de Rachel Carson: «O mar, uma vez lançado o seu feitiço, mantém-nos em sua rede de maravilha para sempre.» E ali, no abraço da água, percebia que o mar era a sua essência, o lugar onde todos os desejos e dúvidas se dissolviam numa paz inabalável.

À medida que mergulhava mais fundo, as sombras das outras tartarugas tornavam-se visíveis ao longe, movendo-se com a leveza de quem conhece o seu caminho. Cada uma seguia o seu próprio trajeto, mas todas faziam parte de uma mesma dança, uma coreografia ancestral que unia o individual e o colectivo. A tartaruga-que-fora-leão percebia agora

que o seu desejo de ser algo diferente fora uma busca por pertença, mas que a verdadeira conexão não estava na forma que escolhesse, mas na aceitação da sua própria natureza.

As correntes marinhas abraçavam-na, o movimento suave e constante da água devolvendo-lhe o ritmo que perdera ao tentar ser leão. E com cada impulso, cada batida do coração, sentia-se mais próxima de si mesma, como se cada grão de areia e cada onda fossnuma extensão do seu ser. O mundo inteiro tornava-se um só, e ela, uma pequena parte desse todo, sentia-se plena, completa. Finalmente, no silêncio das profundezas, soube que a sua história estava apenas a começar, e que a sua verdadeira força residia em ser exactamente quem era. Ao tocar o fundo do oceano, onde as correntes são calmas e o tempo parece suspenso, a tartaruga sentiu-se renascer.

Ao tocar o fundo do oceano, onde as correntes são calmas e o tempo parece suspenso, a tartaruga sentiu-se renascer.

Ao tocar o fundo do oceano, onde as correntes são calmas e o tempo parece suspenso, a tartaruga sentiu-se… renascer.

Ao tocar o fundo do oceano, onde as correntes são calmas e o tempo parece suspenso, a tartaruga… sentiu-se renascer.

Ao tocar o fundo do oceano, onde as correntes são calmas e o tempo parece… suspenso, a tartaruga sentiu-se renascer.

Ao tocar o fundo do oceano, onde as correntes são calmas e o tempo… parece suspenso, a tartaruga sentiu-se… renascer.

Ao tocar o fundo do oceano, onde as correntes são calmas e o tempo… parece… suspenso… a tartaruga sentiu-se renascer.

Ao tocar o fundo do oceano, onde as correntes… calmas… e o tempo… parece… suspenso… a tartaruga sentiu-se… renascer.

Ao tocar o fundo do oceano… onde as correntes… calmas… e o tempo… parece… suspenso… a tartaruga… sentiu-se… renascer.

Ao tocar o fundo do… oceano… onde… as correntes… calmas… e o tempo… parece… suspenso… a tartaruga… sentiu-se… ren…

Ao tocar o fundo… do oceano… onde… as correntes… calmas… e o temp… parece… suspenso… a tart… sentiu-se… ren…

Ao tocar… fundo… do oceano… onde… as correntes… calm… o temp… parece… suspen… a tart… sentiu… ren…

Ao… fundo… do oceano… onde… correntes… calm… temp… parece… suspen… a tart… sent… ren…

Ao fundo… oceano… onde… cor… calm… temp… sus… tart… sen… ren… fundo… ocea… ond… cor… calm… temp… sus… tar… sen…

fu… ocea… or… calm… tem… sus… tar… se…

fu… oce… c… tem… sus… ta…

«A Tartaruga que queria ser Leão»

Por volta de Outubro, na praia da Ilha da Boavista em Cabo Verde, é altura da desova para imensas tartarugas gigantes.

Num desses anos, deram à luz 428 tartaruguinhas, e dessas, apenas 275 sobreviveram dos ataques dos pássaros e outros animais.

Dentro das sobreviventes havia uma que se destacava das outras de uma forma muito especial: dizia que não queria ser tartaruga e que queria ser um leão. Instalou-se o caos na comunidade.

«Ultraje» gritavam umas… «Traidora» vociferavam outras.

No meio deste alvoroço, a pobre da tartaruga-que-não-queria-ser-tartaruga-massim-leão, tremia como varas verdes, mas não desistia do seu desejo.

A determinada altura interveio a anciã tartaruga cor-de-mel: «se queres mesmo deixar de ser tartaruga e passares a ser um leão, existe uma forma, mas se fizeres essa opção, nunca mais poderás voltar a ser tartaruga de novo».

A tartaruga respondeu que «sim», que queria «ser um leão».

A anciã tartaruga mandou reunir todos as outras anciãs tartarugas, a tartaruga xamã e a restante comunidade, em volta da Pedra Sagrada.

Após um ritual em que todas as tartarugas abanavam as suas patas atirando pequenas pedras umas contras as cascas das outras (produzindo um som que era similar ao do crepitar do fogo), a tartaruga xamã,

virou-se de patas para o ar e rodando sobre si mesma, girava como um pião cada vez mais rapidamente, até que parou.

Quando parou de rodar a tartaruga-que-queria-ser-leão, transformou-se num leão. Nessa altura a tartaruga anciã, virou-se para o leão e disse-lhe: «Tu já não és uma das nossas! Parte e não voltes nunca mais».

O leão-que-fora-tartaruga, retirou-se e foi viver para uma selva distante.

Um ano, houve uma grande seca na selva, e a água era rara e a comida praticamente inexistente, fazendo com que o nosso leão-que-fora-outroratartaruga, estivesse magro, mal nutrido e desidratado, com poucas forças já para caçar.

A determinada altura viu numa zona de areal, uma tartaruga, e com as poucas forças que ainda possuía, correu para a tartaruga para a comer.

A tartaruga apercebeu-se do leão e recolheu para dentro da sua carapaça, evitando o ataque das garras e dentes deste, que acabou por desistir já sem forças.

A chorar, o leão-que-já-fora-tartaruga disse à tartaruga: «Sabes… eu também já fui tartaruga, mas estupidamente quis ser um leão, e agora aqui me encontro a morrer de fome e de sede, neste deserto, e apenas contigo».

A tartaruga sentindo pena daquele leão-que-outrora-tinha-sido-tartaruga, saiu da sua carapaça e disse-lhe: «Olha, se tens assim tanta fome, come-me».

O primeiro instinto do leão foi o de dar uma dentada na cabeça da tartaruga, mas algo no seu coração o fez parar, e desesperado disse: «eu não consigo comer-te, pois eu leão, já fui tartaruga também como tu e considero-te minha irmã».

E nesse preciso instante, o leão-que-outrora-fora-tartaruga, transformou-se de novo numa tartaruga.



A Carapaça que Guardou o Rugido

Muito antes de Aiyon voltar a ajoelhar-se diante de Kira, muito antes de o deserto lhe pesar sobre a juba como uma noite demasiado antiga, houve esta praia, este círculo de tartarugas e uma vontade tão pequena que ninguém soube medir-lhe a violência. Foi aqui que tudo começou, embora o leitor só agora tenha chegado ao princípio. A história caminhou para trás como uma tartaruga que reconhecesse as próprias pegadas e decidisse segui-las até ao primeiro grão de areia. No fim dessa viagem não encontrou uma explicação, mas um desejo: o de abandonar a forma que lhe fora dada e experimentar o mundo com outro corpo.

A jovem tartaruga não podia saber que cada metamorfose transporta consigo aquilo que promete deixar para trás. Sob a pele do leão continuaria a lentidão antiga; no centro do rugido permaneceria o silêncio do oceano; entre as garras sobreviveria a memória das barbatanas que um dia haviam tocado a água. Tornar-se outro não apaga o ser anterior. Acrescenta-lhe uma nova camada, por vezes luminosa, por vezes pesada, como as sucessivas linhas de uma carapaça onde o tempo escreve sem pedir licença.

Quando o círculo se desfez e as tartarugas regressaram ao mar, a praia pareceu guardar o segredo. As ondas apagaram as marcas do ritual, o

vento deslocou as pedras, a lua abandonou lentamente o céu. Ainda assim, alguma coisa ficou. Talvez uma vibração quase inaudível debaixo da areia; talvez a lembrança de que um corpo pode desejar outro corpo sem deixar de pertencer à sua primeira história. As paisagens sabem conservar aquilo que os seres vivos julgam perdido. O mar arquiva sem estantes, a areia escreve sem alfabeto e a selva devolve, sob a forma de eco, tudo o que nela foi gritado.

Aiyon aprenderia tarde que a força não era o contrário da fragilidade e que a velocidade não anulava a paciência. Ser leão dera-lhe a vastidão da savana, mas também a fome; dera-lhe o poder de perseguir, mas retirara-lhe o abrigo portátil; ensinara-lhe o rugido, mas fizera-o esquecer a escuta. Só diante de Kira compreenderia que nenhuma forma de vida contém sozinha todas as respostas. O leão precisava da tartaruga que fora, e a tartaruga precisava do leão que imaginara, não para vencerem uma à outra, mas para reconhecerem que ambas habitavam o mesmo nome.

É por isso que esta história não termina onde começa nem começa onde termina. Move-se em círculo, como as estações, as marés, as migrações e certas músicas que regressam à primeira nota depois de terem atravessado o desconhecido. Ao fechar o livro, o leitor poderá recordar o leão inclinado sobre a tartaruga, o focinho a poucos centímetros da carapaça. Parecerá uma imagem de predador e presa, mas já sabemos que é outra coisa:

um ser contempla a forma que perdeu e, ao contemplá-la, começa a regressar.

Na manhã seguinte, a praia estava vazia. Havia apenas duas linhas na areia: uma larga e irregular, como o rasto de um corpo cansado, e outra lenta, contínua, quase geométrica. Durante alguns metros seguiram separadas. Depois encontraram-se junto à água e tornaram-se indistinguíveis. O mar recebeu-as sem perguntar qual pertencera ao leão e qual à tartaruga. Talvez porque o mar, que conhece todas as transformações, nunca tenha acreditado verdadeiramente nessa diferença.

Índice remissivo

aceitação — 14, 17, 18, 20, 22, 23, 25, 29–32, 34, 36, 37, 43, 58, 66, 72, 82, 90

Aiyon — 8–11, 15–18, 21–23, 28–30, 33–36, 41, 95, 96

areia — 8, 10–13, 15, 17–19, 27–29, 32, 33, 35–39, 45–48, 60, 62, 66, 68, 70, 78, 80, 83, 86–88, 90, 95–97

Bach — 8, 47

Beethoven — 47

carapaça — 8, 10–13, 15–18, 21, 34–38, 40, 46–51, 57, 59, 62, 65, 66, 70–72, 74, 75, 77, 78, 87–89, 93, 95, 96

ciclo — 17, 22–24, 45, 53, 63, 65, 70, 72, 80, 83, 86

compaixão — 10, 21, 24–26, 29, 31, 55

coragem — 25, 58, 86, 88

Debussy — 8, 24, 52

desejo — 8, 9, 13, 16–18, 20, 27, 31, 41, 43–45, 47–60, 62–66, 68–70, 72, 75–78, 82, 84, 87–90, 92, 95

deserto — 8–11, 15, 17, 21–24, 27, 28, 30, 31, 33–35, 39, 42, 51, 53, 93, 95

destino — 9, 12, 34, 35, 41, 64, 70, 73, 74, 78, 81–84, 87

Florence Price — 18, 58, 75

fome — 15–25, 27, 28, 30, 31, 33–37, 40–43, 93, 96

Glenn Gould — 9

identidade — 53, 55, 58, 64, 69, 76, 82

Ilha da Boavista — 10, 83, 86, 92

Kira — 8–11, 15–17, 21–23, 27–30, 35, 95, 96

leão — 8, 9, 11, 13, 15–50, 52–66, 68, 70–72, 74–78, 81–97

Lou Reed — 9

lua — 22, 46, 47, 57, 61, 71, 74, 80, 83, 86, 89, 96

Mahler — 11, 15, 39, 55

mar — 8, 9, 11, 14, 18, 25, 27, 29, 45, 48, 56, 59, 64, 68, 71, 74, 80–84, 86–89, 95–97

maré — 29, 49, 56, 57

Messiaen — 10

metamorfose — 45, 95

Mozart — 10

Natureza — 13, 21, 22, 24, 29, 30, 32, 34, 43, 46, 60, 64, 65, 70, 72, 78, 83, 90

Nietzsche — 9
oceano — 11–13, 28, 41, 45, 46, 49, 57, 60, 62, 65, 80, 82–91, 95
Oscar Wilde — 11
Pedra Sagrada — 45, 47, 48, 51, 56–58, 64, 65, 70, 73, 76, 92
praia — 12, 19, 42, 43, 47, 53, 54, 59, 60, 70, 72, 74, 78, 80, 83, 84, 86–89, 92, 95, 97
predador — 9, 13, 18–20, 22, 24, 34, 38, 96
renascimento — 83
ritual — 49, 53, 57, 64–66, 68, 80, 83, 92, 95
selva — 9, 16, 17, 22, 29, 35, 39–44, 47, 77, 78, 93, 96
silêncio — 8, 10, 11, 15–19, 21, 23–25, 28–30, 32–35, 37, 43, 45, 47, 49, 56, 58, 59, 62, 64, 66, 68, 69, 75, 86, 87, 89, 90, 95
solidão — 9, 20, 27, 28, 39, 43, 44, 47, 49, 55, 60, 70, 78
tartaruga — 8–13, 15–20, 22–43, 45, 46, 48, 49, 51–72, 74–78, 81–97
tempo — 8–12, 15, 17, 18, 22, 23, 32, 34–36, 38–42, 45, 46, 48, 51–54, 58–60, 62, 65, 70–72, 76–78, 83, 84, 86, 88, 90, 91, 95
transformação — 11–13, 16, 19, 31, 41, 44–48, 50–52, 57, 65, 66, 69–72
Turner — 8
Virginia Woolf — 54, 58, 85
William Blake — 8
xamã — 17, 22, 29, 40, 45, 48–53, 56–58, 65, 69, 71, 72, 92